

PUC
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Ana Beatriz Favero

**OS DESTINOS DA SEDUÇÃO
EM PSICANÁLISE**

Estudo sobre a sedução em
Freud, Ferenczi e Laplanche

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Clínica

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2004



Ana Beatriz Favero

**OS DESTINOS DA SEDUÇÃO
EM PSICANÁLISE**

Estudo sobre a sedução em
Freud, Ferenczi e Laplanche

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa
de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Cláudia Amorim Garcia

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2004



Ana Beatriz Favero

**OS DESTINOS DA SEDUÇÃO
EM PSICANÁLISE**

Estudo sobre a sedução em
Freud, Ferenczi e Laplanche

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e de Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.^a Cláudia Amorim Garcia
Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof.^a Angela Maria de Mello Coutinho
Departamento de Psicologia – USU

Prof. Daniel Kupermann

Departamento de Psicologia – UFF

Prof. Jürgen Heye

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 18/02/2004

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Ana Beatriz Favero

Estudou no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduando-se pelos cursos de Bacharelado em Psicologia e Formação de Psicólogo em 1994. Cursou Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Educação da UFRJ em 1994/95. Foi bolsista de iniciação científica pelo CNPq, participando de projetos na área de Gênero e Ecologia. Interessada pelas áreas clínica e hospitalar, trabalhou em diferentes hospitais e em consultório particular. Ingressou na Escola Lacaniana de Psicanálise (ELP-RJ) em 1994, tornando-se membro desta instituição psicanalítica a partir de 1999.

Ficha Catalográfica

Favero, Ana Beatriz

Os destinos da sedução em psicanálise: estudo sobre a sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche / Ana Beatriz Favero ; Cláudia Amorim Garcia. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2004.

96 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas

1. Psicologia – Teses. 2. Psicanálise. 3. Sedução. 4. Trauma psíquico. 5. Freud, Sigmund, 1856-1939. 6. Ferenczi, Sándor, 1873-1933. 7. Laplanche, Jean. I. Garcia, Cláudia Amorim. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Pedro, pelo carinho de todas as horas.
Para meus pais Osmar e Lourdinha, pelo apoio incondicional
durante a elaboração desta dissertação.

Agradecimentos

À minha orientadora Cláudia, por sua atenção e carinho, como também pelas importantes contribuições ao longo de todas as etapas deste trabalho de dissertação.

À CAPES e à PUC-RJ, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao meu marido Pedro, por todo amor, paciência e compreensão.

Aos meus pais Osmar e Lourdinha, pela educação, carinho e apoio em todas as horas que precisei.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os colegas, professores e funcionários do Departamento que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação acadêmica.

Resumo

Favero, Ana Beatriz; Garcia, Cláudia Amorim (Orientadora). Os destinos da sedução em psicanálise: estudo sobre a sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche. Rio de Janeiro, 2004. 96 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho analisa as contribuições de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Jean Laplanche sobre a sedução em psicanálise, destacando as principais características e o agente sedutor de cada abordagem teórica. Enfatizando o traumático da sedução, o texto discute a sedução patológica e a sedução instituinte do psiquismo, articulando, em Freud, com a *neurotica*, com a descoberta das fantasias sexuais das histéricas, assim como com o papel da mãe, enquanto a primeira sedutora; em Ferenczi, com a teoria do trauma; e, em Laplanche, com a teoria da sedução generalizada.

Palavras-chave

Psicanálise; Freud; Ferenczi; Laplanche; sedução; *neurotica*; teoria da sedução generalizada; trauma.

Abstract

Favero, Ana Beatriz; Garcia, Cláudia Amorim (Advisor). The vicissitudes of seduction in psychoanalysis: a study about seduction in Freud, Ferenczi and Laplanche. Rio de Janeiro, 2004. 96 p. MSc. Dissertation – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study analyses the contributions of Sigmund Freud, Sándor Ferenczi and Jean Laplanche on seduction in psychoanalysis, focusing on their main characteristics and on the seducing agent in each theoretical perspective. Emphasizing the traumatic aspect of seduction, this study discusses the pathological and non-pathological effects of seduction, arguing that in Freud, seduction should be linked to the *neurotica*, to the discovery of hysterical women's sexual fantasies as well as to the mother's role as the first seductor of her baby; in Ferenczi, seduction should be linked to the theory of trauma; whereas, in Laplanche, it is connected with the general theory of seduction.

Keywords

Psychoanalysis; Freud; Ferenczi; Laplanche; seduction; *neurotica*; the general theory of seduction; trauma.

SUMÁRIO

Introdução	p. 09
1 Da sedução traumática à sedução estruturante	p. 18
1.1 O pai da histérica	p. 26
1.1.1 Críticas de Jeffrey Masson ao abandono da <i>neurotica</i>	p. 33
1.2 As fantasias de sedução	p. 36
1.3 A mãe sedutora	p. 39
2 A teoria ferencziana da sedução	p. 45
3 A teoria da sedução generalizada	p. 62
Conclusão: Os destinos da sedução em psicanálise	p. 81
Referências bibliográficas	p. 88

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo contribuir para a transmissão do saber, em psicanálise, no que concerne à compreensão de diferentes perspectivas teóricas existentes sobre o tema sedução, através das contribuições de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Jean Laplanche. Para atingir este objetivo, a questão sedução é discutida na sua articulação com a *neurotica*, em Freud; com a teoria do trauma, em Ferenczi; e com a teoria da sedução generalizada, em Laplanche.

A revisão da literatura é apresentada em três capítulos: o primeiro, intitulado *Da sedução traumática à sedução estruturante*, discute a sedução como exposta nos textos freudianos; o segundo, *A teoria ferencziana da sedução*, apresenta a contribuição de Ferenczi sobre a sedução de crianças por adultos, assim como a noção ferencziana de identificação com o agressor. E o terceiro, *A teoria da sedução generalizada*, escrito a partir dos textos de Laplanche, retoma a *neurotica* de Freud até 1897, para expor a teoria da sedução generalizada laplancheana.

Renato Mezan apresenta a sedução a partir de três diferentes dimensões, a saber: um referencial ético, um estético e outro político. Em *A sombra de Don Juan: a sedução como mentira e como iniciação*, Mezan (1987a) resgata algumas acepções do verbo seduzir, derivado do latim *seducere*, que se encontram no *Dicionário Aurélio*. Afirma que a noção de sedução engloba várias idéias a princípio incompatíveis entre si e, perguntando-se sobre o que existe em comum entre elas, aproxima a primeira acepção – *desencaminhar* – da segunda acepção – *enganar arditosamente* –, que sugere um desvio de um caminho que supostamente levaria ao Bem e à Verdade (Mezan, 1987a). Na terceira acepção – *desonrar, recorrendo a promessas e encantos* – existe a idéia de um engodo bem calculado. Neste sentido, a vítima precisa acreditar na promessa feita pelo sedutor, só percebendo ter sido seduzida tarde demais. Nenhum desses sentidos pressupõe a utilização de força, pois *desencaminhar*, *enganar arditosamente* e *desonrar* encontram-se remetidos à noção do sedutor que raciocina, calcula e ajusta seus movimentos com o objetivo de conquistar pelo afeto e pela emoção. No terceiro sentido, no entanto, os resultados da sedução podem ser a desonra e a morte.

Segundo Mezan, as três acepções – *desencaminhar*, *enganar arditosamente* e *desonrar, recorrendo a promessas ou encantos* – configuram a dimensão ética da sedução. Nela, o sedutor é visto como alguém perfeitamente odioso, embusteiro, fingidor, trapaceiro e egoísta. Antes de mais nada, no entanto, para Mezan o sedutor é um “fraco que tem consciência de sua fraqueza, e a converte em força aproveitando-se deslealmente das regras do jogo” (*ibid.*, p. 19). É um Don Juan, por exemplo, que finge ser o noivo da moça que ele está querendo seduzir, não dizendo claramente o que pretende e lutando para conseguir obter o que quer.

Já em seu aspecto estético, continua o autor, a sedução no *Dicionário Aurélio* é designada pelos termos *atrair*, *encantar*, *fascinar*, *deslumbrar*, que sugerem prazer extremo, como se algo fosse acrescentado ao seduzido, despertando nele sentimentos e sensações corporais até então desconhecidas. Por outro lado, além de prazer extremo, encantar também envolve afetos desprazerosos como angústia ou medo frente ao perigo, desde o momento em que a pessoa seduzida pode perder alguma coisa. Na verdade, um exemplo que veicula estas noções entrelaçadas – de que o seduzido sempre ganha e perde alguma coisa – é o da imagem da sereia, pois, ao mesmo tempo em que ela encanta com sua voz seus escolhidos, enfeitiça-os, levando-os à morte. Curiosamente, Mezan lembra que o som emitido por ambulâncias, carros de bombeiro ou de polícia, assim como aquele apito longo que é utilizado pelos navios para marcar sua presença no mar são também designados de sereias.

Tanto é forte esta ambigüidade constitutiva da sedução, que sua dimensão estética a aparenta por um lado à sexualidade e por outro à morte, por um lado ao prazer e deleite, por outro ao risco da indiferenciação inerente a todo prazer forte demais. (Mezan, 1987a, p. 20)

Finalmente, conforme Mezan (1987a), os dois últimos sentidos do verbo seduzir, ou seja, *levar à rebelião* e *subornar para fins sediciosos*, remetem ao universo das regras sociais, demarcando a dimensão política da sedução. Ele acrescenta que os termos *levar à rebelião* e *subornar para fins sediciosos* implicam uma oposição ao poder vigente, já que de certa maneira as significações políticas da sedução podem assumir “uma conotação nefasta se o juízo de valor for proferido” (*ibid.*, p. 21) por uma figura sedutora que subverte a “boa ordem” (*ibid.*, p. 21) e incita o seduzido à revolta. Segundo ele, a ligação de *levar à*

rebelião e subornar para fins sediciosos com o ato de seduzir procede provavelmente do campo da religião: o diabo é uma figura sexualmente sedutora e poderosa. Assim, para Mezan, o diabo é “o sedutor por excelência, o líder da revolta dos anjos e o tentador de Eva no jardim do Éden” (*ibid.*, p. 20).

O sociólogo francês Jean Baudrillard (1979) também trabalha a conotação política da sedução no livro *Da sedução*. Nele, Baudrillard sugere que a sedução possui um destino inalterado – sempre subverte a boa ordem – e opina sobre como a religião percebe a questão da sedução enquanto um desvio de um caminho do Bem e da Verdade na direção do Mal.

Um destino indelével pesa sobre a sedução. Para a religião, ela foi a própria estratégia do diabo, quer tenha sido feiticeira ou amorosa. A sedução é sempre a do mal. Ou a do mundo. (Baudrillard, 2001 [1979], p. 6)

A sedução subverte a boa ordem, na medida em que questiona a abordagem religiosa cristã das relações sexuais, que enfatiza a perpetuação da espécie humana (Baudrillard, 1979). Ela pode ser entendida como jogo e desafio desde o momento em que relativiza os objetivos que impulsionam uma pessoa a desejar ter relações sexuais com outra. Assim, as pessoas vêem o ato sexual como uma maneira de extrair prazer, gozar e, por vezes, gerar filhos. Segundo Baudrillard, quando o fim sexual se torna então aleatório é que surge alguma coisa que pode ser chamada de sedução. Ou ainda, o gozo pode ser apenas o pretexto de um outro jogo mais apaixonante e passionai, no qual predominam o sexo e o desejo e do qual a sedução está ausente (*ibid.*, p. 24).

Em qualquer lugar onde o sexo se erige em função, em instância autônoma, liquida-se a sedução. Ainda hoje ele só ocorre na maior parte do tempo em vez e no lugar da sedução ausente, ou então como resíduo e encenação da sedução sem efeito. *Portanto, é a forma ausente da sedução que se alucina sexualmente* sob a forma de desejo. (Baudrillard, 2001 [1979], p. 49)

Desta maneira, sempre que o sexo, ou melhor, as relações sexuais são concebidas como uma instância autônoma, a sedução não tem espaço.

A estratégia da sedução é uma estratégia do engano, que apresenta um ritmo particular (Baudrillard, 1979). Neste sentido, a sedução acontece; não existe nem um tempo da sedução, nem para a sedução. Ela não se detém na verdade dos signos, já que não existe verdade dos signos. Mas, por outro lado, se detém no engano e no segredo, sendo regida por leis de troca rituais e ininterruptas, onde o

único limite para o desafio sedutor ao outro é a morte. Assim é que, através da estratégia do engano, um sedutor utiliza a sedução com o objetivo de desviar quaisquer pessoas de suas verdades.

Já que Baudrillard acredita na sedução como uma forma de desvio do Bem e da Verdade, faz sentido quando ele ressalta as características semelhantes entre sedução e perversão. Para ele, a sedução é perversa quando ela nega o princípio do prazer, substituindo-o por uma regra de jogo arbitrária. Sob este enfoque, a sedução está fora do princípio do prazer.

Se existe uma *lei natural* do sexo, um princípio de prazer, então a sedução consiste em negar esse princípio e substituí-lo por uma regra do jogo, uma regra arbitrária; e nesse sentido ela é perversa. A imoralidade da perversão, como a da sedução, não decorre de um abandono dos prazeres sexuais contra qualquer moral; decorre de um abandono, mais grave e mais sutil, do próprio sexo como referência e como moral, inclusive dos seus prazeres. (Baudrillard, 2001 [1979], p. 142)

Assim, a perversão e a sedução são cruéis e indiferentes quanto à reprodução e ao gozo fálico, segundo Baudrillard (1979), e é por isto que a sedução incita, em autores como ele mesmo, Mezan (1987a) e Ribeiro (1988), a referência à *sedução donjuanesca perversa*, justificando a associação entre o personagem Don Juan e as relações possíveis entre sedução e perversão.

A figura paradigmática de Don Juan tem sido objeto sistemático de discussão quando o tema é a relação entre sedução e perversão. Então, quem é Don Juan? Don Juan é um personagem literário, que desperta nos leitores um fascínio relativo ao sexual. Apesar de ser um personagem fictício, Don Juan é visto pelos seus leitores como alguém que existiu na realidade. Ele simboliza o rompimento do ideário do Antigo Regime, na medida em que quebra os valores vigentes de honra, fé católica e amor platônico (Ribeiro, 1988). A existência de Don Juan só é possível dentro do contexto da cristandade da Idade Média, onde existia a valorização do casamento monogâmico e indissolúvel, justificando os motivos pelos quais as pessoas deveriam abrir mão do amor por alguém, para servir à lei divina.

O espanhol Tirso de Molina, um contemporâneo de Shakespeare e autor da peça dramática *El Burlador de Sevilla*, de 1630, foi quem primeiro narrou a vida de Don Juan. Na peça, Tirso de Molina conta como Don Juan seduz uma mulher de nobre família e mata num duelo o pai de sua amante – o Comendador – e

como, mais tarde, vendo uma estátua de pedra no túmulo do Comendador, convida-a para jantar com ele. A estátua de pedra aparece de forma aterradora ao jantar do conquistador, que não se arrepende de seus atos anteriores e é levado à morte.

(...) ele [Don Juan] mata em duelo o pai ofendido de uma de suas seduzidas e é este pai morto e petrificado em estátua que será mais uma vez desafiado e convidado para a última ceia, antes da descida vertiginosa de Don Juan aos infernos (...). (Kleinman, 2000, p. 51)

Após a criação do Don Juan de Molina, registraram-se fora da Espanha pelo menos cinco diferentes versões deste personagem. As versões de Molière e Mozart são as mais famosas. No enredo de Don Juan de Molière, há uma mulher perseguida pelo sedutor – Dona Elvira – que vem a ser sua esposa legal. Mas o herói utiliza-se do casamento apenas como isca, e mais tarde consegue um novo amor, que no entanto escapa dos seus desígnios quando o bote em que os dois se encontram soçobra no mar. Há também duas jovens camponesas com as quais Don Juan promete se casar, tendo porém de interromper suas manobras ao entrarem no palco dois novos personagens, os irmãos de Dona Elvira, dispostos a vingar a honra da irmã. Na peça, Don Juan consegue enredar um comerciante que bate à porta para lhe cobrar uma dívida antiga. O assassinato do Comendador é descrito, assim como também o encontro entre Don Juan e a estátua da sua vítima, que o convida para cear.

Na versão de Molière, Don Juan é visto por seus leitores como um “gentilhomem libertino da França do século XVII” (Coutinho, 1994, p. 221) e representa um sedutor que desvia da virtude da honra seus adversários. Don Juan de Molière é um conquistador que, com sua irresistível lábia, confunde os personagens com quem contracena, ao prometer se casar, pagar, seguir a lei e os costumes valorizados pela sociedade burguesa. Desta forma, ele seduz não apenas pretendentes, criados e credores que lhe batem à porta, como também o público leitor.

A figura de Don Juan foi também cultuada na música por Mozart, com a ópera *Don Giovanni*, composta em 1787. O *libreto* de Don Giovanni é de Lorenzo da Ponte e nele o personagem principal é um nobre sedutor, sem preconceito de idade ou origem. O fiel escudeiro Leporelo – criado de Don Juan – se desdobra para livrar o patrão das enrascadas. Quando tenta seduzir Dona Anna, a vítima

chama por seu pai, que vem acudi-la, mas é morto em duelo por Don Giovanni. Dona Elvira é uma das mais de mil amantes rejeitadas, que busca vingança, enquanto que Zerlina é a camponesa recém-casada que sofre o assédio do conquistador. O final é moralizador, com Don Giovanni engolido pelos infernos, pagando caro por suas estrepolias.

Já no poema satírico de Byron, Don Juan é um sedutor passivo, e como tal seduzido por uma fileira de mulheres. Ele é inocente e demasiado jovem quando tem sua iniciação com Dona Júlia, seguida da bela Haydée, da Sultana Gulbeyaz, cujas ordens ele se recusa a acatar, arriscando-se a morrer por isso, e de Catarina a Grande, a cujos desejos sexuais ele se rende. No caso de Haydée, o amor é inocente e mútuo; nas demais ocasiões são as mulheres que o seduzem.

Nas diferentes versões apresentadas de Don Juan – por Tirso de Molina, Molière, Mozart e Byron – o fato da personagem ser um homem que não sublima seus desejos e que se mostra avesso aos ditames da lei aproxima Don Juan de uma configuração perversa. Don Juan conhece a lei da castração, mas a denega, recusa suas conseqüências. Neste sentido, de Leporelo até os irmãos de sua esposa Dona Elvira, muitos personagens tentam convencer Don Juan de Molière de seus erros, mas ele não dá crédito a nenhum deles.

As palavras enlaçadas “sedutor” e “Don Juan” estão associadas à imagem de um “demônio sedutor”, no dicionário *Robert*. Nele, o diabo está associado a um sedutor sexual de mulheres, o que faz com que exista uma confusão entre o diabo e a imagem de Don Juan. Neste sentido, Don Juan se cristaliza no diabo que, em troca da alma da pessoa, negocia com ela e lhe satisfaz quaisquer desejos.

Shoshana Felman (1980), no livro *Le scandale du corps falant*, mostra interesse em trabalhar o discurso sedutor donjuanesco enquanto um discurso perverso. Para ela, toda a virulência do discurso de Don Juan de Molière pode ser resumida no enunciado “eu prometo” (*ibid.*, p. 39), empregado por Don Juan para seduzir homens e mulheres. Já para os outros personagens da peça de Molière – pretendentes, criados, credores –, a linguagem é, diferentemente da linguagem donjuanesca, um instrumento de transmissão da verdade. Dito de outra forma, enquanto o discurso de Don Juan é suscetível aos crivos da felicidade e da infelicidade, do sucesso e do fracasso, mas não aos crivos da verdade e da falsidade, na leitura de Felman, a verdade para os demais personagens da peça de Molière é, entretanto, uma relação de adequação entre a linguagem e a realidade

que a representa, em que o enunciado deve ser verdadeiro ou falso. O diálogo que se estabelece entre Don Juan e todos os outros personagens é, assim, um diálogo de surdos, pois, na realidade, eles não se comunicam entre si. Neste sentido, segundo Felman (1980), Don Juan somente *brinca com as palavras* na frente de pretendentes, criados e credores, criando armadilhas de sedução.

Retomando o tema das relações existentes entre sedução e perversão, é importante afirmar que o ato que marca a sedução donjuanesca como um discurso perverso é a violação repetitiva da instituição do casamento. Não é por acaso que o discurso sedutor de Don Juan é sempre um discurso da promessa de casamento. O mito de Don Juan relembra que existe uma relação etimológica entre as palavras esposar e prometer e que os adjetivos prometido, prometida significam noivos, noivas (Felman, 1980, p. 44). Apesar de Don Juan de Molière nunca pretender cumprir quaisquer promessas feitas, ele aposta na capacidade que as mulheres têm de fantasiarem a partir das palavras ditas por ele e de acreditar nas promessas de casamento que ele lhes faz. No entanto, ele mesmo não acredita em suas promessas. Don Juan não as esposa, ele as toma como amantes. Ele jamais tem por objetivo seduzi-las para *dormir com elas*, como o donjuanismo sugestiona (Mendonça, 2000, p. 14). A Don Juan pouco importa o gozo físico, ele só está interessado em “exibir suas conquistas” (Mendonça, 2000, p. 19).

Ao mesmo tempo que Don Juan transgredir regras e viola promessas, ensina às vítimas de sua sedução a fazerem igual. É importante perceber que Don Juan se aproxima das mulheres que já estão comprometidas de alguma maneira com alguma outra coisa ou alguém, seja com o celibato, com um outro homem. Justo por isto ele lhes ensina a transgredir seus próprios compromissos. Vale ressaltar que, etimologicamente, a palavra seduzir significa separar, sendo, portanto, a separação essencialmente inscrita na sedução, como exemplifica o mito de Don Juan (Felman, 1980). Nesta medida, para as mulheres, acreditar em um pedido donjuanesco de casamento equivale a uma violação de seus compromissos anteriores e a um abandono de valores como a castidade e a importância da união matrimonial (*ibid.*, p. 57).

Em *Sedução: o amor inconsciente*, ao discorrer sobre as apostas de Don Juan de Molière no que se refere à capacidade das mulheres fantasiarem a partir de palavras e promessas, Sibony (1981) insiste que, para ele, o que é despertado pela sedução é a fantasia, que “instaura uma ficção ‘real’ em que não é possível

distinguir o que acontece e o que é imaginado” (*ibid.* p. 30). Acrescenta que realidade e fantasia não devem ser confundidas, mesmo que suas diferenças se mostrem tênues e instáveis.

‘Realidade’ e fantasia não devem confundir-se, a pretexto de sua diferença ser instável e se furta. Sem fragmentos de realidade, a fantasia se desfaz, e sem a fantasia, a realidade perderia suas ligações e suas consistências aparentes. (Sibony, 1983 [1981], p. 30)

Realidade e fantasia possuem, no entanto, elos de ligação que devem ser preservados. Sibony (1981) lembra que Freud fala sobre ficção real quando imputa a histeria da mulher a uma sedução de que ela teria sido vítima quando menina, mas refuta mais tarde sua teoria traumática das neuroses, mostrando que as situações de sedução entre vítimas e adultos na maioria das vezes não tinham acontecido realmente – elas eram fantasias¹. É a partir desta retificação freudiana que Sibony (1981) questiona como a psicanálise se modifica, já que a fantasia funciona como se fosse real. Segundo Sibony, a fantasia de uma sedução é substituída pela sedução dessa fantasia, exercida pelo traumático, mesmo que sem violação.

(...) *já que o originário como tal é uma violência feita ao nada*, uma violência da qual o ser não se recupera, já que ele retorna, segundo parece, ao nada, ou pelo menos ao apagamento de qualquer vestígio, de onde ressurgem novamente, impotente para se aniquilar. (Sibony, 1983 [1981], p. 31)

A fantasia de sedução imputada por Freud está ligada a uma dotação filogenética, posto que as fantasias construídas em análise podem ter sido um dia um acontecimento real, nas origens da família humana. Segundo o ponto de vista de Sibony (1981), a distância entre as fantasias e o originário implica no reconhecimento de que “toda fantasia é, inicialmente, uma *auto-sedução* que compartilhamos... com nós mesmos, ou com o outro em quem acreditamos transformar-nos” (*ibid.*, p. 73). A *grosso modo*, a fantasia de sedução é algo inerente à raça humana – a qual se entrega às seduções o tempo todo, nos sonhos, nos lapsos, nos chistes etc. Assim, se fantasia denota uma auto-sedução, logo as fantasias de sedução só podem ser vivenciadas pelo sujeito de forma traumática, sempre que lembradas, reconstruídas na análise.

¹ A questão apresentada por Sibony referente à sedução em Freud – sua *neurotica* – será abordada nesta dissertação no capítulo 1, mais especificamente em 1.1 “O pai da histeria”.

Após descrever as diferentes acepções do termo sedução e seus possíveis enlaces com a questão da perversão, assim como ressaltar em que contexto Freud emprega a noção de ficção real, as diferentes fases da teoria da sedução freudiana serão analisadas, no capítulo *Da sedução traumática à sedução estruturante*. Nele, serão inicialmente aproximados os conceitos *trauma* e *sedução*, na medida em que, para Freud, a teoria da sedução pressupõe sempre um trauma sexual infantil, na década de 1890.

Da sedução traumática à sedução estruturante

A sedução em psicanálise pode ser estudada a partir de diferentes referenciais teóricos. A proposta deste capítulo é revisitar o tema nos textos freudianos, acentuando as mudanças na história da teoria traumática da sedução – ou *neurotica*, como ficou conhecida – a partir da descoberta da existência de fantasias sexuais nas histéricas. Assim, o lugar do pai perverso e sedutor na história infantil, as noções de trauma e fantasia, assim como o papel instituinte e estruturante da mãe, como primeira sedutora constituem os pontos principais a serem aqui abordados. Discute-se neste capítulo a questão da violência da sedução na obra de Freud, no qual num primeiro tempo se circunscreve uma violência traumática da sedução para, a seguir, a sedução continuar a ser ilustrada como elemento violento, embora instituinte do psiquismo.

Costa (1984) afirma que na teoria freudiana há três tópicos que se relacionam com o papel da violência “como fato inaugural e essencial do psiquismo” (Costa, 1986 [1984], p. 15). O primeiro deles está ligado ao trauma infantil, especificamente, ao trauma da sedução; o segundo tópico refere-se à pulsão de morte; e o terceiro à questão do parricídio, conforme Freud (1913) a descreve em *Totem e tabu*. Embora todos sejam relevantes no que se refere à discussão sobre o problema da violência, o primeiro tópico ligado à teoria do trauma da sedução é o que mais nos interessa no momento.

Segundo Costa (1984), a teoria da sedução pode ser considerada o primeiro suporte da noção de violência, o elemento fundador do psiquismo. Para ele, a sexualidade infantil em Freud é o resultado da confluência de três estímulos: o estímulo biológico, o estímulo ligado ao exercício das funções vitais e o estímulo exógeno. O estímulo exógeno se refere sobretudo à mãe, já que ela é a responsável pelos cuidados higiênicos e alimentícios. Por outro lado, a estimulação materna se expressa também através de carícias físicas, a partir de seu próprio desejo libidinal pelo filho. Neste sentido, na relação da criança com a mãe existe uma quantidade excessiva de energia que é vivenciada pela criança de maneira traumática, com tonalidades violentas (Costa, 1984). A relação com a

mãe, portanto, pode ser, para Costa, uma prova da violência necessária para o surgimento do psiquismo, posto que a criança por vezes incorpora excitações sexuais que ultrapassam sua capacidade de absorção biopsicológica. Assim, através de um excesso de afluxo de energia que invade o aparelho psíquico infantil, a violência é experimentada pela criança.

Costa (1984) resgata a versão clássica de violência como “a qualidade do movimento que impede as coisas de seguirem o seu movimento natural” (*ibid.*, p. 16). Na discussão de seu uso pela psicanálise, à primeira vista, é através desta versão clássica de violência que se sustenta o argumento freudiano dos anos 1890, segundo o qual a sexualidade do adulto é capaz de invadir o psiquismo infantil. Para que o argumento freudiano seja válido, contudo, a que se pressupor um psiquismo infantil antes da invasão pelo estímulo exógeno, idéia que Costa (1984) critica. Segundo ele, a idéia de que o psiquismo segue um curso supostamente natural contradiz uma visão psicanalítica mais contemporânea, que define o psiquismo como construído na cultura, surgindo imerso na linguagem, no desejo e na sexualidade.

Com boa vontade, poderíamos admitir (...) que os instintos do filhote do homem são violentados pela ação humana, jamais o psiquismo. Sendo um fenômeno da cultura e não da natureza, não se pode atribuir ao psiquismo um hipotético rumo natural, independente desta cultura. (Costa, 1986 [1984], p. 16)

No que concerne à questão da violência, é contraditório sustentar o postulado de um psiquismo como produto da cultura e, ao mesmo tempo, uma idéia de violência que pressupõe a naturalidade deste psiquismo. Na verdade, tanto “a cultura como o psiquismo só existem pela ação da violência” (*ibid.*, p. 17). Neste sentido, há um componente violento inerente à relação com o outro, que fundamenta a própria humanização e constitui a sexualidade e o psiquismo. Assim é que, segundo Costa (1984), a teoria psicanalítica migrou das proposições freudianas a respeito da natureza traumática da sexualidade para uma concepção da natureza violenta deste trauma, o que ele critica. Primeiro, porque é um equívoco igualar as noções de trauma em geral e violência; elas não são sinônimas. Segundo, a psicanálise se deixou influenciar pela crença na primazia da violência na gênese da cultura e, conseqüentemente, do psiquismo (*ibid.*, p. 22).

Sempre que Costa (1984) se refere à relevância do papel da violência para a constituição do psiquismo, aponta, pois, para a existência de fatores potencialmente desagregadores do psiquismo – ligando-os à agressividade que há em todos os indivíduos desde o nascimento –, embora também constituintes do *eu*. Na opinião de Costa, a questão da violência deve ser articulada, nesta medida, com a noção de trauma e, mais particularmente, com a sedução traumática na *neurotica* freudiana.

Na teoria freudiana, as primeiras produções sobre sedução traumática são marcadas por uma concepção que situa a etiologia das neuroses numa cena de sedução com valor traumático. Em psicanálise, o uso do termo trauma¹ implica na idéia de um choque violento, de uma efração sobre o aparelho psíquico e, também, das conseqüências sobre o conjunto da organização psíquica. Assim, já na década de 1890, o trauma está referenciado a um acontecimento pessoal e real da história do sujeito, sendo experimentado como algo que altera o afluxo de excitações do psiquismo, provocando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros (Freud, 1893a). Esta idéia de trauma, numa concepção econômica, está relacionada a uma impossibilidade de descarga de afeto, ou seja, a uma ausência de ab-reação de um afeto que permanece estrangulado e é vivenciado pelo sujeito – o qual se sente desamparado e impotente frente à situação traumática – como uma emoção desprazerosa (Freud, 1893a). Assim, na perspectiva econômica da década de 1890, trauma é um termo que designa uma situação na qual o aparelho psíquico não consegue reagir adequadamente às excitações externas. Nesta situação, algumas excitações ficam represadas no aparelho psíquico, o que economicamente compromete a homeostase desse aparelho. (Freud, 1893-1895).

Referindo-se à idéia de trauma, Freud (1890) diz que a impossibilidade de uma reação adequada, de uma descarga psíquica ou de uma elaboração psíquica determina o impacto e a violência do trauma e é neste sentido que, para a psicanálise, todo trauma provoca uma ferida narcísica, podendo ser diretamente sexual ou implicar em conseqüências sexuais, quando atinge globalmente a integridade corporal ou psíquica. É nos anos 1890 que Freud elabora sua tese da *neurotica* segundo a qual o trauma é essencialmente de natureza sexual e a cena

¹ Termo cuja origem remonta à Medicina, *trauma* – que vem do grego τραυμα = ferida e deriva do verbo τρωω = furar – denota uma ferida com efração (Laplanche, 1991 [1967], p. 522).

traumática se baseia em uma ação real de um adulto – na maioria dos casos uma figura paterna – que seduz uma criança. Para ele, o trauma influencia diretamente no surgimento das neuroses, assunto que Freud trata extensivamente em 1895, em *Estudos sobre a histeria*, nos quais discorre sobre o significado etiológico do trauma nas neuroses.

Com o abandono da *neurotica* freudiana, o significado etiológico do trauma nas neuroses se apaga desde o momento em que a idéia de realidade psíquica e a crença nas fantasias das histéricas são colocadas por Freud em primeiro plano. O trauma passa então a ser apenas mais um fator na formação dos sintomas neuróticos, que inclui também outros fatores como a constituição e a história infantil. Assim, mesmo que seja experimentado pelo sujeito enquanto acontecimento real no período da infância, o trauma não serve mais como forma exclusiva de esclarecimento para a questão da sexualidade humana, mas como um elemento explicativo a mais. Além disto, o trauma pode fazer referência a um acontecimento que surge num segundo momento, não mais às experiências infantis que são encontradas nas origens das fixações.

Apesar da relativização da idéia da etiologia traumática das neuroses, com o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é possível perceber que Freud, em 1919, estudando as neuroses de guerra, recoloca em pauta suas preocupações acerca da origem traumática das neuroses. Assim, o interesse freudiano pela concepção econômica do trauma como efração é retomado em *Além do princípio do prazer*, onde Freud (1920) utiliza a imagem da “vesícula viva” para marcar a existência de uma camada protetora de excitação que se desestabiliza ao sofrer uma extensa efração, isto é, um trauma. Segundo Freud (1920), a tarefa do aparelho psíquico então consiste em restabelecer as condições de funcionamento do princípio do prazer através da religação de excitações que permitam sua descarga. O funcionamento do princípio do prazer exige determinadas condições que o trauma vem abolir, desde o momento em que ameaça a integridade do aparelho psíquico.

Considerando as transformações advindas a partir da segunda tópica em 1923, assim como os reflexos da noção de pulsão de morte, em 1926 Freud atribui ao conceito de trauma um valor maior na teoria da angústia. Para tanto, retoma o conceito de trauma a partir das postulações de Otto Rank, que em *O traumatismo do nascimento* (Rank, 1924) tenta estabelecer uma relação entre as primeiras

fobias das crianças e as impressões nelas causadas pelo nascimento. O livro de Rank representa, contudo, mais do que a adoção de uma explicação de Freud da forma assumida pela angústia, à medida que Rank crê que os ataques de angústia são tentativas de ab-reagir o trauma do nascimento. Segundo Rank (1924), o mecanismo que desencadeia a angústia e que está presente em todas as pessoas que são acometidas por fobias – claustrofobia, fobia de túneis etc. – está relacionado com a reprodução da angústia que acompanha o nascimento. Neste sentido é que Rank (1924) propõe uma técnica terapêutica diferente, baseada na superação do trauma do nascimento.

Em *O traumatismo do nascimento*, Rank (1924) se questiona se a influência exercida por sua personalidade e maneira de manejar a técnica em análise não teriam como efeito fazer retroceder o *eu* do cliente em direção a situações libidinais mais e mais antigas, até a fase intra-uterina. Afirma que o paciente identifica a situação criada pela análise com o período intra-uterino, assim como, por vezes, identifica o próprio analista com a mãe, remetendo-se em seus sonhos à situação pré-natal. Desta forma, o inconsciente do paciente utiliza a situação criada pelo processo analítico para reproduzir o trauma do nascimento. Argumenta também que, ao fim do tratamento, que é marcado pela separação do objeto substituto, isto é, do médico, o paciente reproduz o ato do nascimento em quase todos os seus detalhes. Assim, a análise tem como último resultado libertar o paciente, tardiamente mas de maneira definitiva, da influência do trauma do nascimento.

Rank (1924) acredita que o sentimento de angústia frente aos animais pequenos e sobretudo aos rasteiros – como ratos, cobras, sapos etc. –, a que estão sujeitos tanto homens quanto mulheres, está ligado à idéia destes animais serem capazes de desaparecer rapidamente por um buraco, sem deixar rastros. Neste sentido, animais pequenos simbolizam o desejo de retorno ao útero materno. A psicanálise, para Rank, postula que todos os animais pequenos podem simbolicamente representar crianças, embriões, como também, idealmente, o órgão sexual masculino, ou seja, o pênis, por causa tanto do tamanho como da facilidade de penetração. Assim, enquanto representação fálica, estes animais provocam angústia, à medida que evocam uma comparação com espermatozoides e óvulos e implicam numa localização intra-uterina.

Rank afirma que o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, sendo a separação biológica da mãe o protótipo da angústia psíquica e que é a sensação aflitiva de separação que provoca nas pessoas a vontade de retornar ao útero materno. Neste sentido, o encontro com o mundo, começando pelo momento do nascimento, é traumático para o bebê. Segundo o ponto de vista de Rank, o trauma do nascimento se manifesta nos seres humanos com graus de intensidade variáveis e a virulência da angústia varia com a força do trauma. Em outras palavras, para Rank toda criança, inclusive a mais normal, experimenta angústia, e todo adulto saudável atravessa uma fase de neurose normal, representada por sua infância; neurose que não persiste mais além do que em certos indivíduos que tenham permanecido infantis, isto é, nos indivíduos neuróticos (Rank, 1972 [1924], p. 25).

Freud (1926) rejeita a teoria de Rank a respeito do trauma do nascimento em *Inibições, sintomas e ansiedade*, afirmando que ela não se apoia em observações concretas.

(...) a principal objeção a ela [a teoria de Rank] é que flutua no ar em vez de ser baseada em observações confirmadas. (...) Deve ser uma das vantagens da teoria etiológica de Rank o fato de que ela postula um fator cuja existência pode ser verificada pela observação. E enquanto tal tentativa de verificação não for feita, é impossível verificar o valor da teoria. (Freud, 1976 [1926], p. 176)

Segundo Freud (1926), para sustentá-la seriam necessárias investigações objetivas, já que o processo de análise não permite retroceder até o trauma do nascimento. Além disto, deveria haver observações em número suficiente que sustentassem a hipótese de que há relação entre o trauma do nascimento e o surgimento de uma neurose. Ao discutir este assunto, Freud (1926) critica a posição de Rank “de que se tornam neuróticas as pessoas nas quais o trauma do nascimento foi tão forte que jamais foram capazes inteiramente de ab-reagi-lo” (*ibid.*, p. 175).

Não sabemos ao certo o que se quer dizer por ab-reação ao trauma (...). Dar tanta ênfase à variabilidade com base no trauma do nascimento é não deixar lugar algum para as legítimas reivindicações da constituição hereditária como fator etiológico (...). A teoria de Rank despreza inteiramente os fatores constitucionais bem como os filogenéticos. (Freud, 1976 [1926], p. 175-176)

Para Freud (1926), o fato de somente o ser humano, entre todos os mamíferos que partilham o mesmo processo de nascimento, possuir uma

disposição especial para a neurose não é favorável à teoria de Rank. Neste sentido, Freud diz que foi infrutífera a tentativa de Rank para solucionar ou pelo menos esclarecer o problema da causação da neurose. Sob o ponto de vista de Freud (1926), a angústia do nascimento é verdadeiramente o processo real do nascimento, indissolivelmente fisiológico e psicológico. Assim, segundo Freud, o nascimento é um protótipo da situação traumática, representando perigo para a própria sobrevivência da criança.

Em 1924, Rank também afirmou que o nascimento é o protótipo do trauma original, mas, diferente de Freud (1926), por outro lado enfatizou que todos os pacientes em análise podem reproduzir, na fantasia – através das formações do inconsciente, tais como os sonhos, atos falhos, chistes –, o período de sua vida intra-uterina, assim como a separação da mãe no momento de seu verdadeiro nascimento. Rank acreditava que, ao longo do desenvolvimento psíquico, o indivíduo buscava elaborar a experiência traumática do nascimento, enquanto a primeira e mais importante perda da vida de um ser humano.

No entanto, os argumentos de Freud que discordam da teoria de Rank são revisados em 1933, nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Nelas, Freud valoriza a abordagem rankiana, no que se refere particularmente à importância da primeira separação mãe-bebê.

Também interessado em trabalhar a questão da sedução traumática, Thierry Bokanowski (2002) discute o conceito *trauma*, que em sua opinião é central na obra freudiana, subdividindo seu estudo em três diferentes períodos: um primeiro – *entre 1895 e 1920*; um segundo – *a partir de 1920*; e um terceiro – *em 1939* –, que confere com o final da obra de Freud, referido principalmente ao texto *Moisés e o monoteísmo: três ensaios* (Freud, 1939). No primeiro período, que vai desde 1895 até 1920, trauma se refere ao sexual e está intimamente ligado à teoria da sedução. Este primeiro período pode ser subdividido em dois momentos distintos (Bokanowski, 2002): No primeiro momento, que vai de 1895 até 1905, Freud estabelece que o modelo primordial da ação do trauma, relacionado a uma sedução, é o modelo de dois tempos² – questão do *a posteriori* – conforme apresentado por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]) e nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895). Este

² A idéia de Freud sobre a decomposição da ação traumática em dois tempos e noção de *a posteriori* serão explicitadas em 1.1 “O pai da histérica”.

primeiro momento (1895-1905) está referido também à questão do abandono da primeira teoria da sedução (Freud, 1897), a partir do qual a fantasia adquire uma função tão mais importante do que a sedução concreta, participando, portanto, da estruturação das neuroses. Por outro lado, no segundo momento, que vai de 1905 até 1920, Freud se refere ao desenvolvimento sexual infantil e elabora sua metapsicologia. Bokanowski (2002) diz que no que se refere ao desenvolvimento sexual infantil e à teoria da libido, as situações traumáticas estão associadas às fantasias originárias, angústias de sedução, angústias de castração, à cena primitiva e ao complexo de Édipo. Logo, todos os traumas encontram-se referidos às fantasias inconscientes e à realidade psíquica.

Nos anos de 1920 em diante, o trauma adquire uma nova conotação, sob o ponto de vista econômico. Em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud (1926) sugere uma nova teoria da angústia, acentuando que o trauma está referido à angústia de separação ou então às angústias que as separações acarretam. Segundo Bokanowski, neste segundo período Freud distingue diferentes tipos de angústia: angústia do trauma de nascimento, angústia da perda da mãe como primeiro objeto de amor, angústia da perda do pênis, angústia da perda do amor de objeto e angústia da perda de amor do supereu. Finalmente, ainda segundo Bokanowski (2002), Freud ressalva, no terceiro período (1939), que as experiências traumáticas originariamente constitutivas da organização e do funcionamento psíquico podem provocar feridas narcísicas.

A proposta de Bokanowski (2002) de discutir a noção de trauma, na obra freudiana, aponta para a relevância de se interligar os conceitos *sedução* e *trauma*, já que a sedução pressupõe um trauma quer de natureza sexual quer de natureza não-sexual, em psicanálise. Assim, com o objetivo de avançar um pouco mais na discussão, a seguir será trabalhado o personagem central da teoria da sedução freudiana, longamente debatida nos anos 1890: o pai da histérica. O pai sedutor ao qual Freud se refere – a mãe sedutora só terá lugar mais tarde na teoria freudiana – é um pai perverso, responsável pela histeria de suas pacientes.

1.1

O pai da histérica

Entre outubro de 1885 e fevereiro de 1886, Freud trabalha em Paris, na Salpêtrière, com Charcot. Retornando a Viena, ele se estabelece como neurologista e utiliza-se de diferentes métodos no tratamento das neuroses, como a eletroterapia, a hidroterapia e as curas de repouso. Além disso, dedica-se, durante alguns anos, ao estudo do hipnotismo e da sugestão, fato registrado em suas cartas a Fliess, nas quais relata os êxitos obtidos com a hipnose no tratamento das doenças histéricas (Freud, 1888-1892). Nesta época, acreditando que uma quantidade de excitação pudesse ficar retida no aparelho psíquico devido a alguma experiência vivida como traumática pelo sujeito, Freud oferece ao paciente sob hipnose sugestões que favoreçam a ab-reação dos afetos até então represados, isto é, sua descarga, permitindo assim que a energia volte a escoar livremente.

Preocupado em descobrir em que situações um doente poderia se beneficiar do tratamento pela hipnose, Freud (1891) atenta para o fato de que esta técnica deve ser evitada em casos de sintomas que tenham origem orgânica, sendo indicada para o tratamento de doenças nervosas puramente funcionais, em doenças de origem psíquica e em casos de dependências como, por exemplo, a de tóxicos. Apesar disto, segundo ele, há sintomas de natureza orgânica que podem ser acessíveis à técnica hipnótica.

Interessado na questão da aplicabilidade da hipnose, Freud afirma que a técnica poderia ser empregada com vista ao diagnóstico diferencial, para esclarecer se determinados sintomas se relacionam com uma histeria ou com uma doença nervosa de origem orgânica. Essa linha de argumentação vem, de certa forma, ratificar as descobertas de Freud de que os pacientes histéricos se adaptam à hipnose e se beneficiam da técnica. No entanto, ao mesmo tempo em que observa êxitos no tratamento de histéricas, Freud (1891) também ressalva a existência de deficiências inerentes à técnica quando afirma que geralmente o analista não deve esperar que a hipnose se desenvolva espontaneamente, mas estimulá-la através de sugestões, ou quando sustenta que o tratamento pela hipnose não é sempre eficaz, pois “o grau alcançável de hipnose” (Freud, 1990 [1891], p. 163) depende mais do paciente do que do método em si.

No que se refere à relação existente entre trauma psíquico e fenômeno histórico, Freud (1893a) supõe que a lembrança do trauma age como um “corpo estranho” (*ibid.*, p. 44) ao psiquismo do sujeito, causando o sintoma. Na realidade, para Freud, o trauma está na origem da histeria. Tentando sustentar seu ponto de vista, Freud (1893a) afirma que, nos casos de histeria traumática, o que provoca os sintomas é uma situação real, proveniente de uma fonte externa ao sujeito e, neste sentido, acidental. Mas o que pode atribuir a um acontecimento o valor de trauma desestruturante para um determinado sujeito? Por um lado, para que um trauma aconteça e seja reconhecido como desestruturante devem existir fatores como algum acontecimento da infância que desencadeiem o trauma, e, por outro, para que uma pessoa vivencie como traumático um afeto estrangulado é necessário um grau de suscetibilidade dela ao trauma.

A soma de acontecimentos que isoladamente não constituem um trauma pode, em seus efeitos e por adição, ter valor traumático. No entanto, a própria natureza de um acontecimento pode excluir uma ab-reação completa, assim como conflitos psíquicos e exigências sociais podem dificultar ou então não permitir uma reação adequada por parte do aparelho e, neste sentido, serem vivenciados pelo indivíduo como traumáticos. A *grosso modo*, para Freud, “o trauma deve ter alguma relação especial com alguma parte do corpo” e “ser grave”, envolvendo a idéia de uma “ameaça à vida”, mas “sem pôr termo à atividade psíquica” (Freud, 1987 [1893c], p. 37).

Em 1893, Freud utiliza o método catártico no tratamento de suas pacientes histéricas, com o objetivo de fazer emergir lembranças traumáticas como se elas fossem fatos recentes para, assim, cessar seus efeitos, através de reações afetivas – expressas em ações ou palavras como acessos de cólera, lágrimas, confissões, lamentos etc.

A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente ‘catártico’ se for uma reação *adequada* – como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase com a mesma eficácia. (Freud, 1987 [1893a], p. 46)

A partir da catarse, Freud aprofunda seus estudos sobre o trauma e suas relações com a histeria. Observa que a ab-reação possibilita a descarga do afeto até então estrangulado, o que permite à pessoa lidar com a experiência traumática.

Mas ela não é o único método existente, já que o sujeito pode provocar o desaparecimento do trauma também por meio de associações.

Uma lembrança desse trauma, mesmo que não tenha sido ab-reagida, penetra no grande complexo de associações, entra em confronto com outras experiências que possam contradizê-la, e está sujeita à retificação por outras representações. (...) Desse modo, uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento do afeto concomitante por meio do processo de associação. (Freud, 1897 [1893a], p. 46)

Apesar de somente renunciar definitivamente à sugestão hipnótica em 1896, Freud começa, na década de 1890, a recorrer a um novo método terapêutico, a associação livre, pois percebe que nem sempre conseguia hipnotizar as pacientes histéricas (Freud, 1894). A partir da associação livre, Freud então insiste para que elas falem tudo o que lhes vêm à cabeça. No entanto, os próprios esforços das histéricas em lembrar fatos traumáticos esbarram numa outra forma de resistência – diferente da resistência à hipnose – a que as idéias patogênicas se tornem conscientes.

Ao discorrer sobre a etiologia da histeria, Freud menciona várias vezes a sedução por adultos como uma de suas causas mais freqüentes (cf. Freud, 1894 e também Freud, 1896b). Todavia, é a partir da teoria da sedução – a *neurotica* freudiana – que Freud destaca uma função teórica importante para a questão da sedução, na medida em que atribui ao recalque da lembrança da sedução o papel determinante na etiologia das neuroses. Assim, em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-1895) estabelece sua teoria da origem traumática das neuroses, na qual sustenta que a cena traumática se baseia em um abuso sexual do adulto sobre a criança. Esta *neurotica* de Freud, elaborada na década de 1890, apoia-se sobretudo em suas observações clínicas: a lembrança de traumas vividos por crianças que são vítimas de abusos sexuais é tão penosa que todas preferem esquecê-los, recalcando-os. Assim, durante certas anamneses, Freud escuta o relato de cenas de sedução infantil, ou seja, de assédio sexual entre um adulto e suas pacientes histéricas quando ainda crianças, sendo que as crianças respondem passivamente à situação de estimulação sexual que se apresenta a elas. É neste sentido que, discutindo a questão das cenas de sedução, em *A etiologia da histeria* (1896b), Freud acrescenta que a criança não se encontra psíquica nem somaticamente preparada para responder aos estímulos nela despertados.

Em publicações iniciais como *As neuropsicoses de defesa* (1894), *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) ou *A etiologia da histeria* (1896b), Freud em nenhum momento incrimina especificamente o pai como o agente da sedução; no máximo, realça a figura de tios que molestam suas sobrinhas. Todavia, em notas de rodapé de 1924 em *Estudos sobre a histeria*, ele admite textualmente ter suprimido em duas ocasiões o fato da figura paterna ser a responsável pela sedução. Neste sentido, ele retifica somente em 1924 que tanto Katharina quanto Rosália H. foram vítimas de investidas sexuais por parte de seus próprios pais e não de seus tios como, a princípio, afirmara (Freud, 1987 [1893-1895], p. 151 e 180). Na década de 1890, é, pois, somente nas entrelinhas que Freud sugere haver um pai que, pelas suas investidas sexuais, assume um papel perverso e sedutor em relação a uma criança.

No entanto, é encontrada na correspondência Freud-Fliess algumas passagens significativas no que se refere à confiança de Freud na “etiologia paterna” (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 238 e p. 250) das neuroses, ou melhor, na crença de Freud – nos anos 1890 – de que a sedução pelo pai estaria no cerne da neurose. Freud conta um sonho – o sonho *Hella*³ – na carta Freud-Fliess de 31/05/1897, em que afirma:

Recentemente sonhei ter sentimentos excessivamente afetuosos por Mathilde, só que ela se chamava Hella; depois tornei a ver “Hella” diante de mim, impresso em tipos grandes. Solução: Hella é o nome de uma sobrinha norte-americana cuja fotografia nos foi enviada. (...) O sonho, é claro, mostra a realização de meu desejo de encontrar um *Vater* [pai] como originador da neurose e, desse modo, pôr fim a minhas dúvidas reiteradas. (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 250)

A inclinação freudiana pelo “perverso-psicológico”⁴ é constatada também a partir dos comentários de Freud sobre seu pai, na carta de 08/02/1897 endereçada a Fliess (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 232). Nela, Freud cita seu pai como pervertido, responsável pela eclosão da histeria de seus irmãos.

³ Freud explicará de forma mais clara o sonho *Hella* para Ferenczi em 1932. Cf. capítulo 2 desta dissertação, assim como a Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932, reproduzida por Giguère (1997) em *La lettre rêvée: une correspondance imaginaire Freud-Ferenczi*.

⁴ A expressão *perverso-psicológico* pode ser encontrada na carta Freud-Fliess de 07/09/1897, escrita, pois, pouco antes do abandono da *neurotica* em 21/09/1897: “(...) minha inclinação para o perverso-psicológico e o grotesco vai tendo o que merece.” (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 264).

Infelizmente, meu próprio pai foi um desses pervertidos e é responsável pela histeria de meu irmão (...) e de várias das irmãs mais moças. (Carta Freud-Fliess de 08/02/1897 *apud* Masson, 1986, p. 232)

Contemporaneamente à carta de 08/02/1897, na qual Freud conta que a neurose de seus irmãos eclodiu por causa do investimento perverso de seu pai, existe também uma outra carta em que Freud presta esclarecimentos sobre seu próprio caso.

(...) meu velho não desempenha nenhum papel ativo em meu caso, mas (...) sem dúvida, fiz uma inferência sobre ele, por analogia, a partir de mim mesmo; que em meu caso, o “originador primordial” foi uma mulher feia e idosa, porém esperta, que muito me ensinou (...). (Carta Freud-Fliess de 03/10/1897 *apud* Masson, 1986, p. 269)

Assim, de uma maneira ou de outra, a crença freudiana na etiologia das neuroses se sustenta ou através de um pai perverso ou através de alguém que responde, analogamente, deste mesmo lugar – em outras palavras, de uma posição perversa. Nesta linha é que a expressão “etiologia paterna” é empregada nas cartas Freud-Fliess de 28/04/1897 e 12/12/1897, ou seja, no sentido de um pai perverso ser a fonte da neurose. A expressão “etiologia paterna” está, pois, ligada à *neurotica* freudiana.

Nesta mesma época (1890), a teoria da sedução se alicerça e se define a partir da idéia freudiana de que a ação traumática é decomposta em vários elementos, pressupondo dois tempos: uma primeira cena, que geralmente ocorre na infância, em que a criança sofre uma tentativa de agressão sexual por parte de um adulto, sem que o fato seja identificado pela mesma como excitação sexual, já que, para Freud, nesta época a sexualidade ainda não teria se instaurado; e uma segunda cena, na puberdade, muitas vezes aparentemente insignificante, que evoca a primeira cena por qualquer traço associativo e a partir da qual eclode o sintoma histérico e a primeira cena é ressignificada como sexual.

Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por ação retardada, uma liberação da sexualidade que é muito mais intensa do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota de excitação aumentaram. (Carta Freud-Fliess de 14/11/1897 *apud* Masson, 1986, p. 280-281)

No entanto, progressivamente Freud renuncia à teoria da sedução, como a relação epistolar existente com Wilhelm Fliess vem assinalar. Assim, em uma destas cartas, de 21 de setembro de 1897, Freud escreve a Fliess sobre o descrédito de sua *neurotica* (Carta 69):

(...) Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha *neurotica*. (Freud, 1990 [1897], p. 357)

O abandono dessa primeira teoria da sedução é explicado a partir da constatação da importância da fantasia incestuosa para as histéricas. Freud tenta, então, sustentar a idéia de que o trauma diz respeito a uma cena fantasiada. Em outras palavras, a chave das neuroses histéricas não está mais nos acontecimentos reais – isto é, nas seduções –, mas nas fantasias – por exemplo, as fantasias de sedução pelo pai. Se antes o protótipo do trauma psíquico era uma cena real de sedução, agora Freud começa a suspeitar que nem todos os relatos de suas pacientes histéricas são resultado de eventos traumáticos reais, podendo ser produto de suas fantasias. Estas fantasias das histéricas, continua ele, são como máscaras que ocultam manifestações espontâneas da atividade sexual infantil, como a masturbação (Freud, 1897). A propósito, nessa mesma época, Freud (1897) se refere ao que mais tarde denominaria de complexo de Édipo, isto é, ele se refere aos sentimentos amorosos que sentiu em relação a sua mãe, o que ratifica a necessidade de reconhecimento de que moções sexuais atuavam espontaneamente em crianças muito pequenas, sem que ocorresse estimulação externa (Cartas 70 e 71).

Descobri, também em meu caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Carta Freud-Fliess de 15/10/1897 *apud* Masson, 1986, p. 273)

Para melhor explicar sua hipótese, Freud afirma não existirem indícios de realidade no inconsciente que diferenciem a ficção da verdade investida de afeto, sendo, portanto, impossível dizer o que seria da ordem da realidade e da ordem da fantasia. Isto vem a enfraquecer a possibilidade de que todos os pais fossem perversos ou, em outras palavras, vem a enfraquecer a tese – sustentada por Freud nos anos 1890 – de que “em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso” (Freud, 1990 [1897], p. 358).

No que concerne às conseqüências do abandono da *neurotica* freudiana, é perceptível nos textos freudianos que, no mesmo momento em que o papel desempenhado pelas fantasias inconscientes na formação dos sonhos passa a ser valorizado por Freud, o significado etiológico do trauma nas neuroses se apaga. É

na *Interpretação de sonhos* que Freud (1900) escreve sobre a importância das fantasias e em que apresenta as fantasias como equivalentes aos sonhos diurnos. Para ele, essas fantasias são as precursoras imediatas de alguns sintomas histéricos, aqueles que “não estão ligados a lembranças reais, mas a fantasias construídas com base em lembranças” (Freud, 1987 [1900], p. 454). Analisa-as como formações de compromisso e mostra que sua estrutura é comparável à do sonho. Essas fantasias ou sonhos diurnos são utilizados pela elaboração secundária, um dos fatores do trabalho do sonho que procura aproximar o material que lhe é oferecido a algo semelhante aos sonhos diurnos. Já no capítulo VII da *Interpretação de sonhos*, Freud situa no nível inconsciente certas fantasias, aquelas ligadas ao desejo inconsciente e que estão no ponto de partida do processo de formação do sonho. Logo, para Freud (1900), a fantasia pode estar ligada ao desejo inconsciente mais profundo no trabalho do sonho, mas também estar presente na elaboração secundária. Em certa medida, Freud (1900) afirma, então, existirem fantasias inconscientes que devem permanecer inconscientes, por causa de seu conteúdo e por se originarem de material recalçado.

Apesar de já vir anunciando suas idéias há alguns anos, é somente em *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* que Freud (1906 [1905]) apresenta publicamente a revogação de sua crença na etiologia traumática da histeria, insistindo, por outro lado, na importância das fantasias. Reconhece, neste texto, que não conseguiu perceber, num primeiro momento, como a existência de fantasias de sedução muitas vezes funcionam como tentativas de rechaçar as próprias lembranças das atividades sexuais auto-eróticas, sempre acompanhadas de fantasias. Encerra-se, nessa época, a *primeira teoria da sedução* freudiana, na qual ele propôs que a sedução seria um evento evitável e patológico. Esse período no qual a sedução é entendida como traumática para o sujeito e, sobretudo, experienciada enquanto uma situação concreta tem importante significado no que se refere ao entendimento da etiologia traumática das neuroses para Freud.

1.1.1

Críticas de Jeffrey Masson ao abandono da *neurotica*

Em 1981, Jeffrey Moussaieff Masson foi demitido do cargo de diretor de projetos dos *Sigmund Freud Archives*, após sugerir que a primeira teoria da sedução freudiana, desenvolvida pelo autor na década de 1890, podia ainda ser válida. Com ousadia e provocação, Masson apresenta suas idéias durante uma conferência em New Haven em 1981. Estas idéias se encontram publicadas, desde 1984, em *Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud*, livro em que Masson aborda exatamente a questão da supressão da teoria da sedução freudiana. Nele, Masson (1984) afirma que, entre 1885 e 1886, trabalhando no hospital Salpêtrière, Freud possivelmente presenciou, no necrotério de Paris, autópsias realizadas em crianças, mortas em consequência de estupros e atos violentos. Da mesma forma, tomou conhecimento de uma literatura que tratava tanto do abuso físico como moral de adultos contra crianças, sendo eles muitas vezes parentes próximos. Essa literatura mostrava, por exemplo, casos de incesto, em que pais molestavam suas filhas, e maus tratos de pessoas que exerciam alguma autoridade sobre essas crianças, como criados e professores.

Para fundamentar sua afirmativa, Masson faz referência a trechos das Cartas e Rascunhos de Freud a Fliess escritos em fevereiro e maio de 1893, mas omitidos na edição resumida, nos quais Freud menciona um atentado (*Attentat*), “presumivelmente ao pudor” (Masson, 1984, p. 70) contra sua paciente, assim como sugere a possibilidade de seduções sexuais na infância. Segundo ele, se por um lado Freud e Fliess, entre 1894 e 1900, confabulavam sobre as origens da doença mental e partilhavam pontos de vista parecidos acerca da sexualidade na etiologia das neuroses, por outro o interesse de Fliess se limitava aos aspectos etiológicos de sintomas físicos, enquanto Freud se interessava também pelos aspectos psicológicos da doença. Dito de outro modo:

À medida que o interesse de Freud deslocou-se para as neuroses propriamente ditas – isto é, a histeria e as neuroses obsessivas – começou a buscar suas origens em fatores psicológicos. Os fatores psicológicos não interessavam a Fliess, embora isso só se tornasse claro para Freud muitos anos mais tarde. (Masson, 1984, p. 54)

Em uma também omitida passagem da carta de 21 de maio de 1894 pode ser encontrada a posição de Breuer e de outros “colegas de Freud” (*ibid.*, p. 79)

contra a idéia freudiana de publicar a tese das seduções sexuais infantis como fonte da histeria e da neurose obsessiva.

Masson afirma que a primeira referência publicada de Freud sobre a sedução é apresentada no ensaio sobre a *Etiologia da histeria*, em abril de 1896. Nele, Freud se refere aos traumas, cenas e relações sexuais na infância como experiências precoces reais, e que tinham efeitos sobre as vidas posteriores dessas crianças, sendo a sedução sexual:

(...) um ato libidinoso real imposto a uma criança pequena que de modo algum o deseja ou incentiva. A sedução (...) é um ato de crueldade e violência que fere a criança em todos os aspectos do seu ser (...) Seu corpo não está preparado para o ato adulto da relação (...) Nem tão pouco as emoções estão preparadas, seja para o impacto imediato da paixão sexual do adulto, seja para os inevitáveis sentimentos posteriores de culpa, angústia e medo. (Masson, 1984, p. 6)

Preocupado em marcar a posição da criança que sofre o abuso, Masson sugere que a utilização da palavra sedução foi uma escolha inadequada de Freud (1896), na medida em que aponta para uma postura ativa da criança com relação ao adulto.

Freud usa várias palavras para descrever essas ‘cenas sexuais infantis’: *Vergewaltigung* (estupro), *Missbrauch* (abuso), *Verführung* (sedução), *Angriff* (ataque), *Attentat* (o termo francês, significando um atentado), *Aggression* (agressão), e *Traumen* (trauma). Todas essas palavras afirmam explicitamente algo sobre a violência dirigida contra a criança expressa na sexualidade do adulto, com exceção da palavra ‘sedução’, que foi uma escolha infeliz, pois implica alguma forma de participação da criança. (Masson, 1984, p. 4)

Pesquisando sobre a existência da sexualidade e das pulsões sexuais em crianças, Freud se debruça sobre a questão da passividade e da atividade dos atos das pessoas. Os resultados dessas investigações são encontrados nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b). Contudo, segundo Masson, o termo sedução é empregado no ensaio de 1896 *A etiologia da histeria*, ou seja, antes da descoberta da existência de fantasias internas e da sexualidade infantil espontâneas, época em que Freud ainda estava preso à idéia de que a sedução sexual sofrida pela criança era real.

Interessado em publicar a correspondência completa entre Freud e Fliess, Masson observa que, nas cartas escritas por Freud após setembro de 1897, ou seja, depois que Freud anuncia estar decepcionado com sua *neurotica*, todos os históricos de casos de sedução ou abuso sexual de crianças, assim como as

informações sobre Emma Eckstein, paciente que parecia de alguma maneira ligada à teoria da sedução, foram omitidos por Anna Freud na edição resumida original. Masson conta que ao questionar Anna sobre essas omissões, ela deixou implícito que, já que Freud havia abandonado a teoria da sedução, seria irrelevante expor dúvidas e hesitações de seu pai ao público (Masson, 1984, p. XVII). Sobre o assunto, Anna Freud escreve a Masson uma carta, em 1981, afirmando:

Manter a teoria da sedução significaria abandonar o complexo de Édipo e, com ele, toda a importância da fantasia, fantasia consciente e inconsciente. Na realidade, acho que não teria existido psicanálise depois disso. (Masson, 1984, p. 107)

Para Anna Freud, de fato foi só depois que Freud abandonou a teoria da sedução e apontou a importância da fantasia que ele pôde fazer descobertas “que levaram à criação da psicanálise como ciência e como terapia” (*ibid.*, p. 108). No entanto, Masson interpreta o abandono da teoria da sedução por Freud de forma diferente de Anna e encaminha seu texto como que para confirmar suas suspeitas de que esse abandono tinha relação “com uma falta de coragem” (*ibid.*, p. XX), pois afirmar que crianças são abusadas sexualmente por suas famílias se configurou em um risco e um isolamento intelectual para o próprio Freud. Já uma interpretação freudiana de que suas pacientes fantasiavam cenas de violência sexual, inventavam histórias e contavam mentiras não representava ameaças à ordem social vigente, sendo reconfortante para a sociedade do século XIX. Sobre o assunto e nas próprias palavras de Masson (1984):

(...) o que Freud descobrira em 1896 – que, em muitos casos, crianças são vítimas de violência e abusos sexuais no seio de suas próprias famílias – tornou-se um tal risco que ele teve de, literalmente, bani-lo de sua consciência. (...) Freud (...) teve de abandonar suas crenças errôneas sobre a sedução antes que pudesse descobrir a verdade mais fundamental do poder da fantasia interna e da sexualidade infantil espontâneas. (...) crimes sexuais violentos podiam ser [assim] atribuídos à imaginação da vítima (...) Era um ponto de vista reconfortante para a sociedade, pois a interpretação de Freud – de que a violência sexual que afetava tanto as vidas das suas pacientes era apenas fantasia – não representava nenhuma ameaça à ordem social existente. (Masson, 1984, p. XXI e XXII)

1.2

As fantasias de sedução

As idéias de Freud que modificaram sua crença na origem traumática da histeria e que provocaram transformações na sua *neurotica* podem ser observadas em 1901 no caso Dora, publicado em 1905 e intitulado *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. Nele, Freud (1905 [1901]) relata duas cenas amorosas entre Dora e o Sr. K.: uma primeira cena do beijo na loja (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 34) e, uma segunda, uma proposta amorosa feita à Dora pelo Sr. K. durante um passeio no lago (*ibid.*, p. 32). As interpretações do Sr. K e do próprio pai da moça sugerem que Dora, interessada pelos assuntos sexuais e excitada por leituras eróticas, havia “imaginado” – ou melhor, fantasiado – a cena do lago. Como diz o pai de Dora:

Eu mesmo acredito que a história de Dora sobre a impertinência moral do homem é uma fantasia que se impôs a ela. (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 32)

Isto é um sinal de que moças fantasiam, além do que convinha ao pai pensar assim. Para Freud, há nas duas cenas amorosas entre Dora e o Sr. K. as três condições psíquicas que se encontram presentes em casos de histeria, isto é, o trauma psíquico, o conflito de afetos e a comoção na esfera sexual. Neste sentido, segundo ele, o comportamento da então adolescente Dora – que responde às propostas amorosas do Sr. K a ela com afetos desprazerosos como a repugnância – já pode ser considerado histérico. Tentando sustentar sua posição, Freud (1905 [1901]) afirma que:

Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em que a oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 35)

A partir do comportamento histérico de Dora, Freud (1905 [1901]) observa que pelo menos um dos significados do sintoma histérico corresponde à representação de uma fantasia de conteúdo sexual, como também que nunca se corre o risco de “corromper uma jovem inexperiente; quando não há no inconsciente nenhum conhecimento sobre os processos sexuais, tampouco surge qualquer sintoma histérico” (*ibid.*, p. 53). Neste sentido, Freud chama atenção para ao fato de que Dora não era uma jovem inexperiente e que sua sexualidade já

havia aflorado antes das propostas amorosas do Sr. K. É sob este enfoque que Freud (1908a) assim ressalva que pessoas que se dedicam a estudar a histeria devem estar atentos tanto às fantasias de sedução quanto às experiências reais traumáticas.

Lado a lado com a questão das fantasias de sedução, e pensando sobre a necessidade dos adultos de prestarem esclarecimentos às crianças sobre fatos da vida sexual, bem como de que maneira e quando isso deveria ocorrer, Freud (1907), em *O esclarecimento sexual das crianças*, retoma a questão trazida em seus *Três ensaios* sobre a existência de uma sexualidade na primeira infância. Nesta época, ele parte das seguintes dúvidas: qual o objetivo de negar esclarecimentos sexuais às crianças e aos jovens? Como os adultos pensam e se posicionam sobre isto? Sobre o ocultamento deste tipo de informações, Freud se pergunta:

Será por medo de despertar prematuramente seu interesse [interesse das crianças] (...)? Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão (...)? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? (Freud, 1976 [1907], p. 137-138)

Na verdade, Freud desde 1905 já pensa na questão do auto-erotismo e, nos *Três ensaios*, apresenta suas idéias de que o bebê já nasce com sua sexualidade. Em sua opinião (Freud, 1907), o desenvolvimento da criança nos períodos da lactância e na primeira infância são acompanhados de sensações e experiências sexuais, sendo raros os casos de púberes que não tenham tido contato com algumas atividades sexuais. Isto porque, segundo Freud, o interesse pela questão sexual pode estar presente na criança desde cedo, independente dela haver sofrido uma experiência traumática de sedução. O pequeno Hans, aos quatro anos de idade, demonstrava explicitamente interesse pelo seu pipi, apesar de não ter sido exposto a nenhuma sedução real (Freud, 1976 [1907], p. 140).

Estou convicto de que nenhuma criança (...) pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade. (Freud, 1976 [1908b], p. 214)

A *segunda teoria* de Freud sobre a sedução, a *teoria da fantasia*, encontra-se exposta dos *Três ensaios* de 1905 até o Hans de 1909. Neste período (1905-1909), ele propõe que a sedução é um evento inegável e patológico, na medida em

que – sempre traumática – ocorre na vida do sujeito não somente através de um acontecimento real, como também a partir de fantasias de sedução. Assim, o agente da sedução pode inclusive ser o próprio sujeito, que, através de suas formações inconscientes, fantasia as cenas de sedução.

1.3

A mãe sedutora

Em textos bem iniciais de sua obra, como *A interpretação de sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), Freud demonstra uma preocupação crescente em entender as relações amorosas inconscientes que existem entre pais e filhos, relacionando esta atração sexual infantil, desde a mais tenra idade, com o mito edipiano. Para ele, em 1905, crianças constitucionalmente destinadas a uma neurose devem expressar estas inclinações amorosas pelos pais de uma forma mais intensa do que as demais. Acrescenta que para as inclinações amorosas infantis entrarem em jogo é antes necessário o aparecimento de sensações corpóreas infantis que podem ser espontâneas ou surgirem em situações sedutoras experimentadas por crianças.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, interessado na importância das primeiras relações amorosas infantis, Freud (1905b) afirma que a mais primitiva satisfação sexual da criança se encontra ligada à nutrição. Segundo seu ponto de vista, o seio materno é objeto de satisfação para a criança, que, só mais tarde, formará uma representação mais globalizante da pessoa que possui o seio que a satisfaz e que, na maioria das vezes, é a mãe. Neste sentido, Freud diz que “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos (...)” (Freud, 1989 [1905b], p. 209). Assim, Freud (1905b) anuncia que, mesmo sem compreender o que fazem, as mães são as primeiras sedutoras de seus filhos. É através dos cuidados da maternagem e das inúmeras brincadeiras que as mães estimulam sexualmente seus bebês, pois as partes do corpo que concentram os cuidados maternos de higiene são zonas erógenas.

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. (Freud, 1989 [1905b], p. 210)

Da mesma forma, Freud (1909) supõe, a partir da fantasia de Hans – na qual ele levava seus filhos ao banheiro, “os fazia urinar, ...limpava seus traseiros” (Freud, 1976 [1909], p. 115) – que as mesmas ações por parte dos pais de Hans tivessem proporcionado a ele, quando só era um bebê, sensações de prazer, nas suas zonas erógenas.

Além de marcar a importância dos cuidados com o corpo como fonte de estimulação sexual da criança, que de certa maneira está numa posição passiva frente à pessoa que cuida dela, Freud também ressalva que há a formação de uma díade mãe-criança, na qual a criança também pode participar ativamente em situações de sedução. Isto porque, através de fantasias inconscientes de sedução ou em situações reais, a criança muitas vezes é quem se coloca em uma posição sedutora e ativa frente a sua mãe (Freud, 1909). Com vistas a sustentar este argumento, Freud recorta dois fragmentos trazidos pelo pai de Hans que representam tentativas de seduzir a mãe:

Hans, quatro anos e três meses. Nessa manhã a mãe de Hans lhe deu seu banho diário, como de hábito, secando-o e aplicando-lhe talco. Quando a mãe lhe passava talco em volta do seu pênis, tomando cuidado para não tocá-lo, Hans lhe disse: “Por que é que você não põe seu dedo aí?”

Mãe: “Porque seria porcaria.”

Hans: “Que é isso? Porcaria? Por quê?”

Mãe: “Porque não é correto.”

Hans: (rindo) – “Mas é muito divertido.” (Freud, 1976 [1909], p. 29)

Hans (quatro anos e nove meses) despertou em lágrimas certa manhã. Quando lhe perguntaram por que estava chorando, ele disse a sua mãe: “Quando eu estava dormindo, pensei que você tinha ido embora e eu ficava sem a Mamãe para mimarmos juntos.” (*ibid.*, p. 34)

No fragmento em que Hans está com quatro anos e três meses, encontra-se um outro fato importante que permeia a questão da mãe sedutora, pois é ela quem primeiro desperta a atividade sexual em seu filho e depois a proíbe.

Continuando a pesquisa sobre a sedução, em seus trabalhos da década 1930 dedicados às mulheres, Freud (1931, 1933) afirma textualmente a importância do papel da mãe enquanto a agente sedutora de seus filhos.

No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai. (...) E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente

a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (Freud, 1976 (1933 [1932c]), p. 148-149)

Os cuidados maternos dispensados com a higiene corporal provocam fantasias na criança em que a mãe ou a babá participam como agentes da sedução. Neste sentido é que Freud propõe um alicerce efetivo para as fantasias de sedução das crianças, sendo que, nesta sedução materna, a excitação provocada é destituída de um valor desorganizador. Assim, Freud pontua uma outra forma de sedução, diferente da sedução traumática da *neurotica*, em que a mãe como agente sedutor organiza a psique da criança. Ao contrário da sedução traumática dos anos 1890, em que o agente da sedução – um pai perverso – causa um impacto traumático na criança seduzida, que não tem condições de elaborar o que lhe aconteceu e que, por isso, a excitação provocada tem um efeito sobre o aparelho psíquico essencialmente desorganizador, o papel da mãe, primeira sedutora, é estruturante, organizador do psiquismo infantil.

Perguntando-se mais uma vez sobre a relação da passividade com a atividade, Freud (1931) sustenta seu ponto de vista sobre os objetivos sexuais das crianças serem por vezes passivos e por outras ativos, conforme argumenta em 1909, no caso Hans:

As primeiras experiências sexuais (...) que uma criança tem em relação à mãe são (...) de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a elas relacionadas: outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade. (Freud, 1974 [1931], p. 271-272)

Assim, nos anos 1930 é possível perceber o resultado de um deslocamento teórico no texto freudiano, no que se refere à imagem da figura parental que seduz. Antes de 1897 o protótipo do agente sedutor é um pai perverso e, num segundo momento, a figura sedutora pode ser o próprio sujeito, que fantasia estar sendo seduzido por alguém. Contudo, num terceiro momento, Freud esclarece que, na realidade, é a mãe quem se destaca como o agente da sedução logo nos primeiros meses de vida de um bebê, já que é ela que alimenta e cuida da criança, ao mesmo tempo em que lhe desperta sensações corporais agradáveis e desagradáveis. Neste sentido, para Freud, a mãe é o primeiro objeto de amor tanto de meninos quanto de meninas, sendo assim o protótipo para as relações amorosas

posteriores. Encerra-se, aqui, a *terceira fase* de elaboração teórica freudiana, na qual a sedução, embora traumática, é estruturante e necessária para a constituição do sujeito.

Outro autor que discorre sobre o papel materno na sedução é Sibony (1981). Segundo ele, chamar a mãe de *primeira sedutora* pressupõe a aceitação da idéia de sedução e da idéia de primeira, “que estão justamente em processo, em vias de se misturar e ganhar forma” (Sibony, 1983 [1981], p. 69). No entanto, Sibony afirma que a postulação freudiana é correta se entendida metaforicamente, significando que:

(...) nessa sedução, a criança fica entregue a uma outra parte dela mesma (figurada pela mãe), a parte marcada pelo desejo alheio; e a mãe também se debate com isso (...).” (Sibony, 1983 [1981], p. 69).

Nesta relação mãe-bebê, além da mãe ser a primeira sedutora ela também é seduzida pela criança, como parte dela. Sibony (1981) marca então que tanto a mãe quanto a criança são seduzidas pela sedução de uma pela outra; e isto acontece numa fase “em que a separação da mãe não é feita no tocante ao desejo, e em que a sedução é uma separação, suposta, projetada, “desejada”, que separa o *si mesmo* do *si-como-outro*, e o outro dele próprio...” (*ibid.*, p. 69).

Referindo-se à questão da sedução, Sibony (1981) discorre sobre sua montagem ou, conforme suas palavras, sobre a auto-sedução. Para ele, a mãe seduz o bebê mesmo quando ele ainda é todo dela, ou seja, quando ele depende dos cuidados maternos para sobreviver. Neste sentido é que a mãe é, pois, auto-sedutora.

A mãe se seduz e se coloca fora de si para se reencontrar tal como foi ou tal como se imaginou, por meio dessa parte dela mesma. (Sibony, 1983 [1981], p. 70)

Assim, a mãe só seduz o bebê quando ele se mantém no lugar em que foi colocado, isto é, como responsável e testemunha da parte do desejo inconsciente da mãe; o que o angustia e, mais tarde, o conduz a uma busca inconsciente por algo que se refere ao desejo da mãe.

(...) através do desejo de que a mãe deu mostras sem o saber, o filho (...) vê o risco de ela o ter nas mãos ou ao alcance da mão, e de jogar sobre ele sua busca inconsciente, seu reclame ideal... Isso é o que o conduzirá, mais tarde, ao “desejo da mãe”, ao desejo por conta da mãe (...) (Sibony, 1983 [1981], p. 70)

Numa perspectiva diferente, Enriquez (1983) também fala sobre uma mãe amorosa, porém ameaçadora, ao discutir a utilização da psicanálise para além dos limites do psiquismo individual.

[Mãe] Ela fornece carinho, proteção, isto é, aglutinação possível. Ela só pode desempenhar um papel estruturante se expressar, por seu discurso e seus atos, seu amor pelo pai e o reconhecimento da lei humana. Sozinha, entregue a seu desejo apenas, ela só pode ser vivenciada como o lugar de onde tudo provém e para onde tudo retorna, como o *absorvente universal*. (Enriquez, 1999 [1983], p. 192)

Neste enfoque, para que a mãe exerça um papel “mais como terra que fornece suporte sem desmoronar, do que como o mar que engloba e que absorve” (*ibid.*, p. 184) é necessário que haja a entrada de um terceiro, que venha interditar tanto a mãe quanto a criança. Isto porque, a partir da entrada de um terceiro, a linguagem dos corpos pode ser barrada, destacando-se, então, uma outra, a linguagem das palavras. Este terceiro a que Enriquez faz alusão está referido à função paterna, ao *Nome do Pai*, e é com a entrada em jogo desta função que há a possibilidade de uma quebra da díade mãe-criança. Dito de outra forma, a referência ao terceiro denuncia e, ao mesmo tempo, promove a ruptura da onipotência da mãe, como aquela mãe que devora, aglutina o outro até uma total indiferenciação entre ela e a criança, ou que deve ser reconhecida, “na melhor das hipóteses, como uma intrusa” (*ibid.*, p. 184).

Enriquez (1983) expressa sua opinião acerca dos limites existentes entre uma função materna estruturante e uma outra função, incestuosa e patológica. Para ele, nas primeiras relações mãe-bebê, a mãe possui uma função estruturante para seus filhos, enquanto mantenedora da vida da criança. De certa maneira, os cuidados de higiene e o próprio aleitamento são vitais para a sobrevivência de uma criança, mas isto não é suficiente, posto que não é somente de uma pura necessidade biológica que se trata. Ao mesmo tempo em que a mãe nutre e cuida da assepsia de seu bebê, ela também erotiza o corpo da criança e a *afaga com palavras*.

Continuando a discorrer sobre a questão da função materna estruturante, Enriquez (1983) lembra que quando a mãe extrapola o cumprimento das tarefas dos cuidados meramente fisiológicos para algo diferente, que está referido ao sexual, ela assim introduz a criança no mundo dos falantes, isto é, no universo do simbólico. Por outro lado, Enriquez ressalva que esta relação da mãe com sua

criança é essencialmente incestuosa, seja para os meninos ou para as meninas. Por este motivo, quando a relação mãe-bebê chega ao ponto de impedir o descolamento da criança desta mãe é, então, descrita como patológica. O amor desmesurado de uma mãe, segundo Enriquez, leva à fusão amorosa entre os dois – mãe e bebê –, a uma total indiferenciação, ou ainda “ao excesso erótico, à perda de referências sociais e à morte social” (Enriquez, 1999 [1983], p. 167). Configura-se, em certa medida, uma relação devoradora, em que há um efeito de cola entre mãe-bebê, onde a mãe age sobre uma criança despreparada e, por conseguinte, passiva em relação à situação que se lhe apresenta. Assim, a partir desta imagem do efeito de cola entre mãe-bebê é que fica mais clara a idéia que Enriquez resgata de *O Mal-estar na civilização* (Freud, 1930) de que o amor, levado as últimas conseqüências, é contrário à civilização.

Todo amor é (...) endógamo e incestuoso. Como não amar estes corpos que são os únicos com os quais este ser humano tem uma relação sensorial e sensual espontânea, por razões biológicas (...), por razões de prematuridade do indivíduo (a criança deve ser segurada, carregada) ou sem ter que levar em consideração a vontade de um terceiro (...)? (Enriquez, 1999 [1983], p. 165)

Concluindo, segundo Enriquez e conforme Freud após *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b), a criança perverso-polimorfa procura respostas para algumas das questões elaboradas em torno da sexualidade, e esta busca de conhecimento encontra referências tanto no prazer quanto na angústia. Para a criança, que procura satisfazer seus desejos no imediato, é quase inadmissível não amar aquela mãe que oferece seu corpo para esquentá-lo, para afagá-lo, para nutri-lo, bem como não estar referendado àquela mãe que traz algumas respostas sobre sua origem e sem a qual a criança nem mesmo teria nascido ou, se o tivesse, não sobreviveria. Para a criança é, portanto, difícil não amar este primeiro objeto de amor com o qual se identifica já na tenra idade, e é principalmente o *Nome do Pai* que, como função, poderá viabilizar a função materna – em princípio, sempre incestuosa – como estruturante, embora não patológica para uma criança.

2

A teoria ferencziana da sedução

Freud abandona sua *neurotica* em 1897 após descobrir as fantasias sexuais das histéricas e a importância da realidade psíquica. Por outro lado, o conceito de trauma se torna mais complexo após a década de 1890, e as últimas formulações de Freud a este respeito estão ligadas às idéias de compulsão à repetição (cf. Freud, 1914 e também Freud, 1920) e angústia (Freud, 1926), num sentido diferente daquele atribuído a um trauma essencialmente sexual e que geralmente estava associado a uma sedução concreta de um adulto em direção a uma criança.

Esta perspectiva é mais tarde retomada por Sándor Ferenczi, aluno de Freud a partir de 1908, que, no entanto, trilhou um caminho diferente de seu mestre. Reacendendo o debate sobre a sedução em psicanálise, Ferenczi resgata algumas postulações freudianas da década de 1890 – os pilares da *neurotica* – sobre a sedução traumática, pressupondo a intervenção de um fator exógeno que altera o aparelho psíquico e descrevendo sedução e trauma de duas formas. Uma primeira forma compreende a sedução e o trauma enquanto estruturantes e, até certo ponto, essenciais para a constituição do sujeito, contribuindo para a estruturação do *eu* da criança (Ferenczi, 1924). Uma segunda forma considera a sedução enquanto patológica, já que o evento traumático não consegue se integrar ao *eu* infantil, colocando em risco o projeto identificatório do sujeito e provocando uma cisão no *eu* (cf. Ferenczi após 1926). Assim, numa leitura do Ferenczi tardio (1931, 1933), a criança se desestrutura sempre que não consegue se reorganizar psiquicamente após uma experiência traumática de sedução, sofrendo uma verdadeira mutilação no seu *eu*.

Desde o trabalho *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913) já apontava para a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe – a qual seria considerada o primeiro objeto de amor para a criança. Segundo Ferenczi, as primeiras relações mãe-bebê são traumáticas para a criança, na medida em que, através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo meio ambiente, e isto numa época em que todo bebê ainda acredita que ser amado e se sentir o

centro do mundo é seu estado natural (Ferenczi, 1913). Deste modo, a onipotência incondicional do recém-nascido se mostra insustentável e ele passa a reconhecer nele próprio além de sentimentos de prazer, também sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico. Nesses primeiros trabalhos a ênfase estava colocada numa vertente positiva da sedução, enquanto organizadora do psiquismo e, de certa forma, inevitável.

Durante a década de 1920 e especialmente em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924), Ferenczi tenta explicar as interações existentes entre fantasias infantis precoces, experiência sexual de sedução e trauma. Na sua opinião, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inegáveis e importantes para o enriquecimento fantasístico em geral. Para ele, a vivacidade da vida fantasística está diretamente ligada aos acontecimentos vividos na infância, reconhecidos como seduções traumáticas infantis. A pobreza da vida fantasística, por outro lado, está ligada ao fato das crianças serem “excessivamente bem educadas” (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247).

Os pacientes, em que fui levado a despertar e a solicitar artificialmente (...) a atividade de fantasia (...), pertenciam em boa parte a classes sociais ou a famílias onde os atos ou os gestos das crianças são controlados desde a mais tenra infância com uma severidade excessiva, (...) onde as crianças não têm nenhuma oportunidade de observar em seu meio e ainda menos de viver o que for de ordem sexual. São, de certo modo, crianças excessivamente bem educadas, cujas moções pulsionais não têm, em geral, ocasião de radicar-se na realidade. (Ferenczi, 1993 [1924], p. 247)

As crianças “excessivamente bem educadas” (*ibid.*, p. 247), na opinião de Ferenczi, não tomam conhecimento nem são vítimas de abusos sexuais em seu meio social, o que, para ele, prejudica a organização do psiquismo infantil e a liberdade futura de fantasiar: “certa quantidade de experiências sexuais (...) longe de prejudicar mais tarde a normalidade (...) antes a favoreceriam” (*ibid.*, p. 248).

Assim, ao explicitar as interações que entrevê entre fantasias sexuais infantis e experiências sexuais de sedução na infância, Ferenczi (1924) valoriza a vertente estruturante da sedução traumática, já que uma certa quantidade de experiências sexuais vividas, ou melhor, de seduções sexuais infantis, funciona como “proteção contra os caminhos anormais que o desenvolvimento é suscetível de adotar” (*ibid.*, p. 248). No entanto, a sedução traumática não deve ser, segundo Ferenczi, vivenciada nem mais nem menos do que “um certo ponto ótimo” (*ibid.*, p. 237). A nosso ver, Ferenczi assim assinala que para ele há um aspecto positivo

da sedução e que, ao contrário do que poderíamos pensar, nem toda experiência sexual de sedução adquire posteriormente um valor patológico para a criança. Por outro lado, quando a sedução não é vivida na medida exata, ela pode ser recalçada, empobrecendo a vida fantasística do sujeito.

Em contraponto a Ferenczi (1924) em *As fantasias provocadas*, Catherine Couvreur (2002) apresenta, em *Le trauma aujourd'hui et ses conséquences*, uma posição mais pessimista sobre o caráter positivo e protetor das experiências sexuais infantis, apontando para a vertente da sedução patológica. Nesta medida, Couvreur aproxima-se mais dos trabalhos de Ferenczi da década de 1930, especialmente do ensaio *Análises de crianças com adultos*, em que Ferenczi (1931), muito interessado nas questões relativas à técnica, afirma que um analista “não se deve declarar satisfeito com nenhuma análise que não tenha culminado na reprodução real dos processos traumáticos do recalçamento originário, no qual repousa em última instância a formação do caráter e dos sintomas” (*ibid.*, p. 73). É provavelmente neste sentido que Couvreur (2002, p. 693) sustenta que as seduções traumáticas na infância contribuem não só para a formação do caráter – consoante com a vertente estruturante da sedução –, como também para a formação dos sintomas – segundo o viés patológico da sedução.

Couvreur está certa, a nosso ver, quando afirma que o tema *sedução* em Ferenczi, na década de 1930, é apresentado a partir de uma visada negativa. No trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), *Diário clínico/ Sándor Ferenczi* (1985 [1932]) e *Reflexões sobre o trauma* (1934 [1931-32])¹, Ferenczi escreve claramente sobre o viés patológico da sedução, abordando o tema da sedução de uma forma diferente da apresentada por ele em *As fantasias provocadas* (Ferenczi, 1924).

Continuando nosso raciocínio, percebemos que é também nos anos 1930 que o acento cai sobre a revalorização do conceito de trauma e Ferenczi passa a considerar que o trauma se constitui em dois tempos. No entanto, diferente da

¹ *Reflexões sobre o trauma* é um artigo póstumo de Ferenczi, publicado em 1934. No entanto, ele reúne cinco notas sobre o trauma, que foram redigidas em datas diferentes e publicadas em meio a outras notas tomadas entre 1920 e 1932, sob o título *Notas e fragmentos* (cf. Ferenczi, 1992 [1934], p. 109). Decidimos em nosso trabalho mencionar o ano em que originalmente foram escritas as duas primeiras notas por nós utilizadas. Assim, ressaltamos que a primeira nota, *Da revisão de A interpretação dos sonhos*, foi redigida em 1931, enquanto a segunda, *Da psicologia da Comoção psíquica*, foi redigida em 1932.

perspectiva freudiana dos anos 1890 – em que trauma é representado num primeiro tempo por uma cena, construída a partir de acontecimentos reais ou fantasias que geralmente ocorrem na infância e, num segundo tempo, por uma outra cena que acontece na puberdade –, nos textos do Ferenczi tardio, trauma resulta de um primeiro momento em que um evento precoce e real acontece – as atitudes sexuais sedutoras dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – e, um outro, em que um *desmentido* ocorre no ambiente próximo à criança. Desmentido é aqui entendido como a incompreensão, ou melhor, a negação por parte do adulto de que algo de fato aconteceu com a criança.

Deste modo, principalmente nos ensaios da década de 1930 que versam sobre o fato da origem da neurose estar relacionada com experiências sexuais de sedução entre uma criança e um adulto próximo, Ferenczi retoma os argumentos expostos por Freud na década de 1890, mais especificamente nos trabalhos de 1896. Nesses ensaios ferenczianos, são apresentadas as principais vertentes da sedução traumática, enquanto estruturante e enquanto patológica. Neste sentido, os textos de 1930 têm servido como referência para o estudo da sedução em Ferenczi, já que neles as idéias desenvolvidas pelo autor a partir de 1908 se encontram amadurecidas e compiladas.

Em *Princípio de relaxamento e neocatarse*, já encontramos apontamentos de Ferenczi (1930a) acerca da existência de atitudes incestuosas por parte dos pais, que abusam sexualmente de seus filhos. Estas crianças, por sua vez, participam inocentemente de um jogo repleto de punições e ameaças graves, que lhes é imposto, sofrendo choques violentos, incompreensíveis para elas. Para Ferenczi, as crianças reagem a um choque violento através de uma ruptura passageira com a realidade, já que se sentem incapazes de pensar ou resistir em sua própria defesa.

A primeira reação a um choque é sempre uma psicose passageira, ou seja, uma ruptura com a realidade, por um lado sob a forma de alucinação negativa (perda de consciência ou desmaio histérico, vertigem), por outro, com frequência, sob a forma de uma compensação alucinatória positiva imediata que dá uma ilusão de prazer. (Ferenczi, 1992 [1930a], p. 64-65)

Desta forma, se antes as crianças tinham confiança em si e no mundo externo, após a experiência traumática de sedução, elas se sentem incapazes de se adaptar à situação de desprazer; suas tentativas de defesa se revelam débeis e

ineficazes. A confiança que as crianças têm no mundo externo também é balizada pelo amor que elas esperam de seus pais e que não lhes é suficiente, na medida em que desejam gratificações edípicas que por princípio não podem receber, adoecendo por causa de desejos que não podem realizar. Neste sentido, tanto o desejo insatisfeito quanto a experiência traumática de sedução adquirem valor patogênico.

O trabalho *Análises de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931) foi apresentado numa conferência proferida na Associação Psicanalítica de Viena, em 6 de maio de 1931, como parte da comemoração dos setenta e cinco anos de Freud. Ferenczi (1931) constata nessa época que as crianças, numa situação sedutora e por terem medo, sentindo-se ameaçadas, procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança, e que, se mesmo assim, ainda se sentem desamparadas, elas perdem os prazeres pela vida e se auto-agridem. Desta forma, as experiências de sedução se tornam traumáticas e patológicas para as crianças, não somente pela situação violenta em si, como também pelo fato dos adultos – antes reconhecidos por elas como protetores – não as acolherem e nem acreditarem em suas histórias.

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (...) esses choques graves são superados, sem amnésia nem seqüelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda a sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade. (Ferenczi, 1992 [1931], p. 79-80)

Para Ferenczi (1931), nas experiências sexuais de sedução, os adultos agem e reagem de maneira inadequada. Além disso, eles negam a verdade sobre os fatos ocorridos com as crianças, desmentem algo que faz parte da vivência real das crianças e, nesta medida, fracassam na tarefa de oferecer-lhes proteção, o que torna a sedução inegavelmente traumática e patológica. Comentando exatamente sobre tais postulados ferenczianos da década de 1930, Costa (1995), no prefácio do livro *Ferenczi: do grito à palavra*, complementa que, segundo Ferenczi, o sentido do acontecimento fica congelado para a criança após a sedução traumática, já que o adulto desmente a sedução sexual –, o que, por sua vez, só permite à criança se culpar, se auto-recriminar. Assim, “a *representação do agressor é negativamente alucinada*, e o que devia ser acusação, revolta,

transgressão, contestação ao outro etc. torna-se submissão e sintomas corporais” (Costa, 1995 *apud* Pinheiro, 1995, p. 14).

Continuando a enfatizar a questão do medo, especificamente no *Diário Clínico*, Ferenczi (1985 [1932]) retorna aos postulados de Freud sobre o complexo de Édipo, registrando uma interpretação diferente sobre a trama edípica, ao sustentar que o complexo de Édipo deve ser entendido como o resultado de seduções sexuais por parte de adultos, dirigidas à criança, que então desenvolve uma fixação no adulto – mãe ou pai – por medo (Ferenczi, 1990 [1985 (1932)], p. 213-219). A fixação da criança no adulto por medo, para Ferenczi, é um evento inegável, que acontece no início da infância, mais especificamente na entrada do Édipo. Este, por sua vez, não se desenvolve por uma identificação prazerosa com os desejos dos pais, contrariamente ao que Freud pensava desde o esboço do complexo de Édipo (Carta Freud-Fliess em 15/10/1897), mas fundamenta-se essencialmente no medo:

O complexo de Édipo não é também uma conseqüência da atividade dos adultos – a tendência passional? Portanto, nada de fixação pelo prazer, mas fixação pelo medo: homem e mulher vão me matar se não gosto disso (se não me identifico aos seus desejos). (Ferenczi, 1990 [1985 (1932)], p. 219)

Assim, de acordo com Ferenczi, as crianças – que são geralmente seduzidas sexualmente por adultos próximos – entram na trama edípica por se sentirem amedrontadas.

Em *Reflexões sobre o trauma*, Ferenczi (1934 [1932]) relata o sonho de uma paciente, com o objetivo de reconstruir as experiências sexuais traumáticas que aconteceram quando ela ainda era uma criança e, de maneira indireta, esclarece-nos ainda melhor sobre essa vertente da sedução que se torna patológica, apesar de ser inegavelmente necessária e estruturante para o sujeito.

Uma pequena carroça é puxada por uma longa fila de cavalos para transpor o pico de uma montanha, sem o menor esforço, por assim dizer. À direita e à esquerda, o precipício; os cavalos avançam a um certo ritmo. Não existe qualquer relação entre o vigor dos cavalos e a facilidade infantil da tarefa. Sentimento de prazer intenso. Brusca mudança de cena: uma jovem (uma menina?) está deitada no fundo de uma canoa, quase morta, muito pálida, um homem gigantesco debruçado sobre ela, esmagando-lhe o rosto. Na canoa, por trás deles, está um segundo homem em pé, um senhor que ela conhece pessoalmente, e a menina tem vergonha de que esse homem seja testemunha do evento. A canoa está cercada de picos montanhosos extremamente altos e abruptos, de modo que ela não pode ser vista de nenhuma parte, exceto de um

aeroplano que voa a uma distância incomensurável. (Ferenczi, 1992 [1934 [1932]], p. 114)

A primeira parte do sonho corresponde, segundo Ferenczi, a um sonho de realização de desejo da paciente, já que ela fantasia ser uma criança que mantém uma relação sexual incestuosa com o pai, o que lhes dá muito prazer: “ambos se divertem muito” (*ibid.*, p. 115). No sonho, o vigor do cavalo representa o pai, enquanto a facilidade infantil da tarefa nos remete à criança. Já a segunda parte do mesmo sonho é, para Ferenczi, a reprodução de uma experiência de sedução infantil, na qual uma criança é seduzida por um homem, enquanto um segundo homem – provavelmente o pai da menina – testemunha o evento sem fazer nada para protegê-la. A sedução real, que deve ter acontecido em segredo, é transposta para a imagem onírica “ela não pode ser vista de nenhuma parte” (*ibid.*, p. 114).

Na opinião de Ferenczi (1934 [1932]), os detalhes desse sonho são representações de uma experiência de sedução real, traumáticas demais para serem lembradas no estado vígil, sendo reproduzidas em sonho. Ferenczi sustenta que a forma e o conteúdo dos sonhos são tentativas de resolução de acontecimentos traumáticos, já que há uma diminuição da censura e do sentido crítico, como também há uma predominância do princípio do prazer. Desta forma, neste artigo Ferenczi afirma que o mecanismo do sonho tem duas funções distintas, a saber, a função de realização de desejo – tal como Freud a descreve em sua obra de 1900, *A interpretação de sonhos* –, e sua função traumatolítica – ou seja, durante o estado de sono, as pessoas tendem a repetir, em sonhos, situações traumáticas não resolvidas e que aspiram por uma resolução.

Apesar das várias indicações anteriores, é somente no trabalho *Confusão de língua entre os adultos e a criança* que Ferenczi (1933 [1932]) expõe de maneira condensada seu ponto de vista sobre a existência de um viés patológico da sedução. A partir da análise de seus próprios pacientes, afirma ter percebido um número grande de casos de crianças – pertencentes a diferentes segmentos sociais da sociedade –, vítimas de seduições sexuais praticadas por adultos próximos a elas. Segundo Ferenczi, adultos molestavam crianças para suprir suas insatisfações, mantendo com elas relações sexuais incestuosas.

Mesmo crianças pertencentes a famílias respeitáveis e puritanas são, com mais frequência do que se ousaria pensar, vítimas de violências e de estupros. São ora os próprios pais que buscam um substituto para suas insatisfações, dessa

maneira patológica, ora pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), os preceptores ou o pessoal doméstico que abusam da ignorância e da inocência das crianças. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 101)

A recorrência de relatos sobre algum tipo de abuso sexual praticado contra uma criança ratifica para ele a hipótese de sedução – de natureza destrutiva e patológica.

Continuando a trabalhar o viés patológico da sedução, Ferenczi (1933 [1932]) ressalta que as situações de sedução acontecem, habitualmente, entre um adulto e uma criança que se amam. De um lado existe uma criança que, através da brincadeira, tanto fantasia quanto desempenha papéis maternais em relação a um adulto. Neste sentido, o jogo lúdico da criança pode até assumir feições eróticas, mas ele se conserva no nível da brincadeira, ou seja, “sempre no nível da ternura” (*ibid.*, p. 101-102). Assim, a criança – sexualmente imatura e despreparada para a situação que lhe é apresentada – interage com o adulto ludicamente, através da linguagem da ternura. Do outro lado, para Ferenczi, existe um adulto que interpreta as brincadeiras e as fantasias infantis como desejos de uma pessoa sexualmente madura, e responde à sedução da criança através da linguagem da paixão. Deste modo, o adulto perde a noção das coisas quando mantém relações sexuais com a criança, invadindo-a com uma genitalidade que ela é incapaz de integrar ao seu *eu* e da qual está muito distante.

O jogo pode assumir uma forma erótica [para a criança] mas conserva-se, porém, sempre no nível da ternura. Não é o que se passa com os adultos se tiverem tendências psicopatológicas, sobretudo se seu equilíbrio ou autodomínio foram perturbados por qualquer infortúnio, pelo uso de estupefacientes ou de substâncias tóxicas. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]] p. 102)

Ferenczi afirma, portanto, que adultos com tendências psicopatológicas, assim como os que fazem uso de substâncias tóxicas ou alucinógenas agiriam através da linguagem da paixão. Neste sentido, segundo Pinheiro (1995), Ferenczi (1933 [1932]) utiliza a palavra paixão para se referir ao adulto que perde seus limites, apresentando um comportamento desmesurado, exagerado, típico de psicóticos. Pinheiro afirma que, nesta medida, “paixão e loucura tornam-se quase a mesma coisa” (Pinheiro, 1995, p. 70).

Segundo Ferenczi (1933 [1932]), nestas situações amorosas, a linguagem da paixão do adulto deve ser entendida como uma manifestação da sexualidade por parte do adulto. A linguagem da ternura da criança, por sua vez, representa

uma forma diferente de expressão do erotismo, com um parâmetro de organização sexual e psíquica que é anterior à sexualidade sob o primado do genital. Assim, sob o ponto de vista de Ferenczi, sempre ocorre uma confusão de línguas quando a linguagem da paixão do adulto e a linguagem da ternura da criança se confrontam num jogo de sedução. O adulto toma a linguagem da ternura da criança como linguagem da paixão, enquanto a criança, que não dispõe de elementos que a instruem sobre qual sentido dar às experiências de sedução, busca, então, compreender os acontecimentos traumáticos a partir dos enunciados proferidos pelos próprios adultos.

Nos trabalhos da década de 1930, Ferenczi sustenta ainda que, por causa da confusão de línguas que se estabelece entre o adulto e a criança, assim como por causa do sentimento de abandono que as crianças experimentam após a situação sedutora, pode ocorrer uma cisão do *eu* – uma clivagem narcísica –, que acontece em resposta à situação de perigo. Assim, já em *Análises de crianças com adultos*, ele (Ferenczi, 1931) afirma que:

Tudo se passa como se, sob a pressão de um perigo iminente, um fragmento de nós mesmos se cindisse sob a forma de instância autoperceptiva que quer acudir em ajuda, e isso, talvez, desde os primeiros anos da infância. (Ferenczi, 1993 [1931], p. 78).

Deste modo, uma parte do *eu* da criança começa a desempenhar o papel da mãe ou do pai com a outra parte ou, então, partes do corpo da criança transformam-se em representantes da pessoa toda, tornando o sentimento de abandono nulo e sem efeito.

Além da clivagem narcísica do *eu*, Ferenczi (1931) postula também que há um outro tipo de mecanismo de defesa de que a criança lança mão, quando a mesma é submetida à situação sedutora, sem, no entanto, especificá-lo. Este mecanismo de defesa, que é patológico, seria chamado, em 1932, de introjeção do agressor (Ferenczi, 1933 [1932]). O sentimento de culpa que o pai ou a mãe deveriam sentir, mas não sentem é, desta forma, introjetado pela criança, que assume a responsabilidade pelo ato de sedução – responsabilidade que a princípio não é dela, mas do agente sedutor –, sentindo-se invadida nas defesas de seu *eu*.

Uma discussão mais aprofundada da noção de introjeção do agressor, em Ferenczi, que aparece especialmente em *Confusão de língua* (Ferenczi, 1933 [1932]), requer uma retomada do conceito de introjeção em dois outros trabalhos

anteriores de Ferenczi: *Transferência e introjeção* (1909) e *O conceito de introjeção* (1912). No trabalho de 1909, Ferenczi afirma que existe um “processo de diluição” (Ferenczi, 1988 [1909], p. 36), pelo qual a criança tenta atenuar a tonalidade penosa de aspirações insatisfeitas ou impossíveis de satisfazer. A esse processo de diluição, Ferenczi (1909) chamou de introjeção, um processo segundo o qual a criança inclui em sua esfera de interesses uma parte do mundo exterior, com vista a torná-lo objeto de fantasias conscientes e inconscientes. Assim, as produções fantasísticas, para Ferenczi, resultam do processo de introjeção do mundo externo no *eu*.

No texto *O conceito de introjeção*, por sua vez, Ferenczi (1912) complementa sua definição de introjeção, quando afirma que introjeção é uma fusão entre os objetos de amor e o *eu* da criança, processo que está no cerne da constituição do *eu*, organizando e estruturando o funcionamento psíquico do indivíduo tanto sadio quanto neurótico:

Descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo exterior, do interesse, de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do ego. Insisti nesta ‘introdução’, para sublinhar que considero *todo amor objetal* (...) como uma extensão do ego ou *introjeção*, no indivíduo normal como no neurótico. (Ferenczi, 1988 [1912], p. 61)

Acompanhando o raciocínio ferencziano, inicialmente a criança experimenta todas as coisas como advindas de um único lugar, não separando estímulos externos de processo psíquico. Somente num segundo momento, ela distingue que há coisas que “permanecem a sua disposição e submetidas ao seu querer” (*ibid.*, p. 37) e outras rebeldes a sua vontade.

Ao trabalhar este ponto da teoria ferencziana, Pinheiro (1995) acrescenta que, nos trabalhos de Ferenczi de 1909 e 1912, o processo de introjeção é responsável pela fundação do aparelho psíquico, a partir da inscrição do binômio prazer/desprazer. Pinheiro (1995) ressalta que o mesmo adulto que se apresenta como alguém que faz parte do mundo externo e que perturba, escapando ao controle da criança, também tem uma função estruturante para a criança. Por outro lado, concordando com Ferenczi, Pinheiro afirma que a criança desencadeia um outro mecanismo de defesa, o processo de projeção, quando sente um desprezer interno, provocado pela descoberta de que seus pais têm vontades próprias.

Assim, a introjeção deixa de ser o único mecanismo de defesa de que dispõe o *eu* da criança.

(...) o adulto, mais cedo ou mais tarde, será compreendido pela criança como alguém *dotado de uma vontade própria*. A criança experimentará, num momento ou outro, o desprazer imposto por este objeto introjetado (o adulto) que não é completamente controlável (...). Quando a criança começa a não mais suportar o desprazer interno, ela deve se utilizar do processo de projeção. O adulto tem aí uma função estruturante. Pelo desarranjo que provoca, o processo de introjeção deixa de ser satisfatório. (Pinheiro, 1995, p. 38)

Em *Confusão de língua*, o conceito introjeção, por sua vez, adquire um novo significado. Neste ensaio, ao discorrer sobre a sedução, Ferenczi (1933 [1932]) ressalta que se o processo de introjeção iniciado não pôde ir até o fim, a fantasia da introjeção ocupa o lugar dessa não-introjeção. Referindo-se ao assunto, Pinheiro comenta:

Maria Torok (1978, p. 259-277) ressalta com pertinência a evolução do conceito. Torna-se claro que aquilo que Ferenczi chama de “introjeção do agressor”, em 1932, é a ausência propriamente dita da introjeção. Para resolver esse problema de terminologia, Torok e Abraham decidiram chamar de “incorporação” à introjeção do agressor, ou seja, a introjeção que não acontece, o que facilita muito a compreensão das diferenças entre introjeção de 1909 e a mencionada em 1932. (Pinheiro, 1995, p. 52).

Desta forma, nas palavras de Pinheiro, é porque “a introjeção não se realiza ou porque o objeto de interesse desapareceu, ou porque o objeto não possui as condições necessárias para servir de mediador” (*ibid.*, p. 53), que o *eu* encontra, segundo Ferenczi, outra solução que é patológica, ou seja, a *incorporação* do agressor. Assim, nos anos 1930, por causa do medo intenso que experimenta numa situação de sedução, a criança pode emudecer, perder a consciência ou esquecer de si mesma, identificando-se completamente com o agressor.

(...) esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor dos seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico; mas o que é intrapsíquico vai ser submetido (...) ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. Seja como for, a agressão deixa de existir enquanto realidade exterior e estereotipada (...). (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 102)

Segundo Ferenczi (1933 [1932]), a criança se identifica com o agressor, ou seja, ela o introjeta, pois não consegue dar sentido ao que houve e possui um *eu* ainda frágil para reagir contra a força e a autoridade do adulto. Defensivamente, para não abandonar seu objeto de amor idealizado, a criança introjeta o sentimento de culpa e o remorso próprios do adulto que a seduziu, caindo num estado onírico ou de transe, no qual é mais fácil deixar de perceber a sedução sexual sofrida. Assim, a criança não precisa também perder seu objeto idealizado de amor, na medida em que, introjetando a culpa do agressor, ao mesmo tempo o absolve de toda a responsabilidade pela sedução sexual.

Se a introjeção do sentimento de culpa do agressor está ligada ao fato da criança poupar o adulto sedutor de toda a responsabilidade pelo abuso praticado, no entanto também está referenciada à própria reação dessa criança, que sai da total passividade em que se coloca como vítima e passa a ser a responsável pela situação. Assim, apesar da criança se tornar, por incorporação, seu próprio agressor, de outra forma ela nega a experiência de sedução, assim se sentindo vitoriosa, podendo inclusive extrair algum prazer pela sua própria fragmentação.

No trabalho *Confusão de língua*, Ferenczi (1933 [1932]) observa que, embora consiga extrair prazer do processo de clivagem narcísica, a criança também sente muita vergonha de si, pois o adulto sedutor quase sempre se comporta como se nada tivesse acontecido. A criança abusada sexualmente pode então, após se identificar com o agressor, começar a obedecer mecanicamente, assim como se fixar em atitudes obstinadas. Pode também manifestar sentimentos e potencialidades próprias dos adultos, em questões relacionadas ao matrimônio, à paternidade e à maternidade, na medida em que, a partir da experiência traumática de sedução, uma parte do *eu* da criança – um *eu* pós-traumático, que é prematuro e patológico – se torna tanto adulto e protetor quanto sábio e culpado, em função das mudanças a que se submete e, principalmente, em função de um amadurecimento adquirido às pressas. Por outro lado, uma outra parte do *eu* cindido da criança se mantém na ternura.

A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar (...) de *progressão traumática* (patológica) ou de *prematuração* (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os

ferre, e na maturidade apressada de um fruto bichado. (Ferenczi, 1992 [1933 [1932]], p. 104)

Assim, na opinião de Ferenczi (1932), após a experiência traumática de sedução, a criança se torna, ela mesma, um adulto. Essa maturidade adquirida às pressas se deve às tentativas da criança de superar o sofrimento decorrente da agressão. No entanto, mesmo quando ela consegue, continua confusa, sentindo-se tão inocente quanto culpada, duvidando de seus próprios sentidos.

Ferenczi pontua que, no que concerne às tentativas de dar sentido ao que não fez sentido, bem como encontrar proteção numa segunda pessoa – a mãe, por exemplo –, as crianças não têm de um modo geral o resultado esperado. Buscando entender o que se passou com ela, a criança conta para a mãe sobre a sedução. Esta, por sua vez, não acredita na história – ou seja, não suportando o relato da criança, a mãe a desmente. Sob o olhar desta mãe, a sedução é falsa, não passa de fantasia infantil. A surpresa provocada pela resposta da mãe ao pedido de ajuda da criança cria, deste modo, mais confusão.

O protótipo de toda confusão é estar “perdido” quanto à confiabilidade de uma pessoa ou de uma situação. Estar perdido é: ter-se enganado; alguém, por sua atitude ou palavras, fez “cintilar” uma certa relação afetiva; o momento do desvario intervém quando se vai ao encontro de uma situação com uma certa representação antecipada e, no lugar disso, encontra-se uma outra coisa, freqüentemente o oposto; portanto: ser surpreendido por alguma coisa. A confusão corresponde ao momento situado entre a surpresa e a nova adaptação. (Ferenczi, 1990 (1985 [1932]), p.84)

Causando surpresa e confusão, esse desmentido da mãe impede que ocorra o processo de introjeção no *eu* – tal como Ferenczi propôs em 1909 e 1912 –, o que desestrutura psicologicamente a criança. Em outras palavras, através do desmentido, a mãe deixa de intermediar a fala da criança, desautorizando sua própria existência. O desmentido adquire, pois, valor traumático e desestruturante, na medida em que o enunciado da mãe tem valor de verdade absoluta e o enunciado da criança, ao contrário, tem valor de mentira absoluta.

Assim, tanto o adulto agressor como também aquele segundo que não acredita na história de sedução quebram a relação de confiança até então estabelecida com a criança. A criança não mais se identifica com o adulto como aquele que a ama e a acolhe, mas o introjeta como aquele que a invade e a traumatiza, ou seja como um agressor. Deste modo, o processo de introjeção fica comprometido, gerando, com a confusão de línguas, um trauma.

Finalmente, a partir da noção de introjeção do agressor, Ferenczi (1933 [1932]) infere que, apesar de existir um componente traumático na relação com o outro – no caso, um adulto que age incestuosamente contra uma criança –, esta relação é também constitutiva da sexualidade e do próprio aparelho psíquico da criança, pois a confusão de línguas – a partir da linguagem da paixão, cujo portavoiz é o adulto – por sua vez também promove a transmissão de interditos, tabus e regras sociais.

* * *

Antes de ser apresentado no XII Congresso Internacional de Wiesbaden em 1932, o ensaio *Confusão de língua* foi lido por Freud em Viena. Não concordando com os postulados ferenczianos sobre a sedução traumática enquanto cerne da neurose, mais tarde, Freud então influencia analistas como Jones e Eitington a também retaliarem o trabalho de Ferenczi.

Freud estava certo de que o trabalho que Ferenczi havia preparado não faria nenhum bem a sua reputação e solicitou-lhe que não o lesse naquela reunião. Brill, Eitington e van Ophuijsen foram mais além, e pensaram que seria escandaloso que tal trabalho fosse lido diante de um congresso psicanalítico. Eitington (...) decidiu-se por proibi-lo firmemente. Por outro lado, achava eu que o trabalho era muito vago para provocar qualquer impressão decisiva, tanto favorável como desfavorável (...). (Jones, 1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Depois da morte de Ferenczi, Freud (1933) escreve uma carta a Eitington sobre sua decepção com Ferenczi, na qual mais uma vez insiste que as lembranças de sedução, assim como os traumas sexuais infantis são, na verdade, fantasias.

Sua fonte é o que os pacientes lhe contam quando consegue conduzi-los ao que ele próprio chama de um estado semelhante à hipnose. Então considera o que ouve como revelações, mas o que se obtém realmente são fantasias dos pacientes sobre a própria infância, e não a história [real]. Meu primeiro grande erro etiológico também se originou assim. Os pacientes sugerem alguma coisa a ele, e ele então as inverte. (Carta Freud-Eitington de 28/08/1933 *apud* Masson, 1984, p. 171)

Na opinião de Freud, a teoria da sedução construída por Ferenczi a partir de relatos de pacientes que são seduzidos na infância é insustentável, não estando no cerne das neuroses históricas. Todavia, ao contrário do que Freud previu após a leitura do trabalho de Ferenczi de 1932, tanto Masson (1984) quanto Bokanowski (2000) frisam que Ferenczi não enfrentou problemas ou retaliações por parte da

sociedade psicanalítica, mesmo depois de ter exposto as principais idéias sobre a sedução traumática no trabalho *Confusão de língua*.

Existem, entretanto, algumas cartas de Jones (Carta Jones-Freud de 09/09/1932 *apud* Masson, 1984, p. 163) e Brill (Carta Brill-Jones de 06/06/1933 *apud* Masson, 1984, p. 161) que apontam para a existência de um certo desconforto por parte de diferentes analistas no que se refere ao conteúdo do artigo. Com a morte prematura de Ferenczi, a publicação na língua inglesa de *Confusão de língua* foi suspensa, o que tranqüilizou a comunidade psicanalítica, já que a versão original alemã do ensaio dificilmente circularia por outros países, na década de 1930 (Masson, 1984).

No *Diário Clínico* (Ferenczi, 1985 [1932]), há registros sobre sedução e trauma psíquico, ligando-os principalmente à questão da clivagem do *eu*, assim como depoimentos de suas crises de relacionamento com Freud, na década de 1930. Em todas as análises registradas no *Diário*, a recorrência de relatos de experiências de sedução sexual traumática por pacientes de Ferenczi é o assunto que mais se destaca.

Os constantes atrasos na publicação dos textos escritos por Ferenczi depois de 1929, sendo alguns deles sobre sedução, apontam para as resistências de psicanalistas influentes à divulgação das idéias ferenczianas, mesmo após a morte dele em 1933. Somente para exemplificar, Jones, que na época era editor da *International Psychoanalytical Library*, quis excluir das edições inglesas todos os textos de Ferenczi entre 1929 e 1933, e, em 1957, publicou o volume III da biografia de Freud, que contém críticas depreciativas a Ferenczi. Tantas resistências contribuíram para que o *Diário* continuasse conhecido somente por um círculo muito restrito de psicanalistas². Por outro lado, após a morte de Ferenczi, a própria Sra. Ferenczi foi aconselhada pelo casal de psicanalistas Alice e Michel Balint a aguardar que as repercussões imediatas das desavenças entre Freud e Ferenczi se atenuassem. Sobre o assunto, Balint comenta no prefácio do *Diário Clínico*:

(...) realmente não era um clima favorável à publicação do *Diário*, com suas numerosas idéias originais, de natureza a instigar a reflexão, com seus erros

² Chamamos a atenção para o fato de que, apesar de ter sido redigido por Ferenczi entre janeiro e outubro de 1932, o *Diário* só foi publicado em 1985.

e seus exageros, suas intuições profundas, mas freqüentemente inquietantes. (Balint, 1969, p. 3 *apud* Ferenczi, 1990 [1985 [1932]])

Por motivos semelhantes aos obstáculos à publicação do *Diário*, foi necessário ainda mais tempo para que a correspondência Freud-Ferenczi, escrita nos anos 1930, fosse publicada pela primeira vez. Nela existem algumas cartas que marcam as discordâncias entre Freud e Ferenczi sobre a teoria da sedução.

É inegável que nos últimos anos você se isolou de novo, coisa que havia superado tão brilhantemente quando era o líder e o mestre de Budapeste. (...) você deve deixar a ilha de sonho na qual está vivendo com os seus filhos de fantasia, e de novo tomar parte na luta dos homens. (Carta Freud-Ferenczi de 12/05/1932 *apud* Masson, 1984, p. 158)

A solicitação de que você não publicasse o ensaio antes de um ano foi feita em primeiro lugar no seu interesse. Não queria abandonar a esperança de que você viria a reconhecer em trabalhos posteriores a inexatidão técnica de suas conclusões. (...) Não acredito mais que você irá se corrigir, como me corrigi há uma geração. (Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 *apud* Masson, 1984, p. 162)

Na carta de 02/10/1932³ (Freud, 1932 *apud* Giguère, 1997), Freud explica a Ferenczi que o tema da sedução traumática o remeteu a um sonho antigo, o sonho *Hella* (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 250), e que esta lembrança o irritou mesmo depois de tantos anos do abandono de sua *neurotica*. Afirma que dois elementos deviam ser sublinhados no sonho *Hella*: seus sentimentos excessivamente afetuosos com relação à filha Mathilde, que tinha nove anos em 1897; e a condensação Mathilde-Hella, já que, no sonho, sua filha Mathilde se chamava Hella, como a sobrinha de Freud. Nas palavras de Freud (1932), o primeiro elemento do sonho – sentimentos afetuosos por Mathilde – o remete a uma posição triplamente incestuosa: em relação a Mathilde, em relação a Hella e em relação a Anna – uma das irmãs de Freud e a mãe de Hella –, sendo mais uma confirmação de sua teoria da sedução. Nessa carta, Freud inconscientemente se confronta com a idéia insuportável de ser ele próprio um pai sedutor, responsabilizando-se pelos sentimentos incestuosos em relação a Mathilde, no sonho *Hella*.

³ O artigo de Giguère é uma fonte bibliográfica importante, pois começa com a reprodução, na língua francesa, de todo o conteúdo da carta Freud-Ferenczi, de 02/10/1932. Foram encontrados somente trechos em português desta mesma carta, traduzidos e comentados, respectivamente, por Masson, 1984 e Bokanowski, 2000.

Para Giguère (1997), que trabalha extensivamente a carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932 no artigo *La lettre rêvée: une correspondance imaginaire Freud-Ferenczi*, a cena manifestamente incestuosa do sonho *Hella* confirma a *neurotica* freudiana. Giguère ressalva que a retomada da teoria da sedução traumática por Ferenczi na década de 1930 – cuja pertinência foi questionada por Freud na Carta de 02/10/1932 – é importante para a história da psicanálise, sem, no entanto, explicitar detalhadamente quais os motivos que o levaram a sustentar tal ponto de vista.

Masson (1984), por sua vez, assim como Giguère, acredita que as novas observações de Ferenczi sobre a sedução – uma sedução que, na opinião deles, deveria ser analisada primordialmente segundo a vertente da sedução que é inegavelmente patológica –, como também sobre o trauma, marcam uma mudança nos rumos da psicanálise nos anos 1930, na medida em que os ensaios de Ferenczi demonstram aos círculos psicanalíticos como a psicanálise se desenvolveria caso Freud não tivesse abandonado a *neurotica* em 1897. Finalmente, Masson (1984) ressalva que Ferenczi arriscou perder sua posição frente à comunidade psicanalítica para defender suas postulações sobre os casos de sedução traumática a que tantas mulheres haviam sido submetidas na infância.

Concluindo, talvez também por suas inovações técnicas, que eram no mínimo ousadas para a época – como a proposta ferencziana da análise mútua, por exemplo –, no final de sua vida Ferenczi foi considerado psicótico, sendo suas posições teóricas sobre a recorrência das experiências traumáticas de sedução e suas implicações – ora estruturantes ora desestruturantes – questionadas, o que justificaria as resistências às publicações dos trabalhos que haviam sido escritos por Ferenczi entre 1929 e 1933, entre eles os que versavam sobre o assunto da sedução.

3

A teoria da sedução generalizada

Relativizando as mudanças na teoria da sedução freudiana ao longo da construção da psicanálise e interessado em introduzir uma concepção de sedução – caracterizada como estruturante, necessária, fundamental e originária –, Laplanche (1987) inicia sua pesquisa a partir da *neurotica* freudiana, enquanto uma *teoria da sedução restrita*. Neste sentido, no ensaio *Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada*, Laplanche (1988f)¹ retoma quatro características essenciais da teoria da sedução restrita, abandonada por Freud em 1897 – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução, a sedução infantil, a passividade essencial da criança e o encadeamento das cenas* –, com vistas a ampliar a noção de sedução e construir o que, posteriormente, chamaria de *teoria da sedução generalizada*.

A primeira característica da teoria da sedução restrita – *o adulto enquanto agente obrigatório da sedução* – surgiu a partir da releitura das anamneses dos pacientes de Freud, já que nelas, mesmo que uma criança fosse posteriormente seduzida por uma criança mais velha, a primeira experiência de sedução sempre acontecia com um adulto. Laplanche (1988f) relembra a existência do caráter perverso do pai da histérica, na teoria freudiana da década de 1890. O adulto sedutor não era qualquer um; era alguém conhecido da criança, assim como um pai – um pai que apresentava, no entanto, características perversas e agia de maneira incestuosa em relação à criança. O adulto sedutor era visto por Freud, até o abandono da *neurotica*, como um desviante quanto ao objeto e quanto à finalidade.

O adulto incriminado por Freud (...) certamente não era qualquer um. Era um adulto ‘perverso’ e isto no duplo sentido que vai ser estabelecido, mais tarde, nos *Três ensaios*: desvio quanto ao objeto, pois que é um pedófilo, até mesmo incestuoso, desvio quanto ao fim, pois ‘não se pode esperar de pessoas que não têm nenhum escrúpulo em satisfazer suas necessidades sexuais através de

¹ Ressaltamos que, provavelmente, nem todos os ensaios compilados no livro *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (Laplanche, 1988) e que foram por nós aqui utilizados devem ter sido escritos e publicados em 1988. Contudo, já que a edição da Artes Médicas não inclui as datas originais dos artigos, decidimos fazer referências aos textos, ao longo deste capítulo, como se todos houvessem sido editados pela primeira vez no ano de 1988.

crianças que se preocupem com sutilezas na maneira de obter esta satisfação’. (Laplanche, 1988f, p. 109-110)

Laplanche marca a presença de um “caráter *grotesco, repugnante, impróprio e trágico* das relações sexuais num *par desigualmente reunido*” (Laplanche, 1988 [1987], p. 114), ao resgatar o pensamento freudiano a respeito do caráter perverso do agente da sedução. Nas cenas descritas por Freud, complementa Laplanche, a sedução denota agressão, irrupção, intrusão e violência (*ibid.*, p. 116).

A *sedução infantil*, por sua vez, é concretizada, segundo Laplanche (1988f), em cenas de sedução que podem ser reencontradas, memoradas, reconstruídas através da análise. Laplanche afirma que nessas cenas a criança se apresenta de forma imatura diante de um situação sedutora, não compreendendo o que lhe acontece; ela ainda está despreparada – em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual – para as experiências de sedução e, sobretudo, para o confronto com a sexualidade adulta. Assim, num primeiro tempo da experiência traumática de sedução, a criança situa-se numa etapa anterior à irrupção da sexualidade, numa etapa pré-sexual²; somente num segundo tempo, já na puberdade, a criança pode ressignificar a sedução infantil.

A imaturidade, a ‘impotência sexual inerente às crianças’ é assim avaliada por Freud em relação a uma espécie de escala de desenvolvimento, comportando etapas, níveis: nível de reação somática, nível de ressonância afetiva, nível de compreensão psíquica, tudo isto fazendo apenas um: é na sua totalidade psicossomático-afetiva que a criança pode ou não integrar adequadamente o que lhe acontece. (Laplanche, 1988f, p. 109)

Por causa de seu despreparo, a criança assume uma posição passiva frente às insinuações e iniciativas sexuais do adulto, experimentando, desse modo, a sedução de uma forma traumática. Sentimentos de angústia e aflição não permitem que a criança aja, portanto, de maneira ativa em relação à sedução, que adquire, assim, contornos de uma agressão traumática, a qual irrompe o *eu* da criança, ameaçando-o de transbordamento e, sobretudo, de aniquilamento.

No que diz respeito ao terceiro elemento da teoria da sedução restrita, isto é, *a passividade essencial da criança*, Laplanche ressalta que, apesar de essencial

² Coutinho (1994, p. 81) lembra que “pré-sexual é tomado por Freud num duplo sentido: absoluto, isto é, antes da irrupção da sexualidade; e relativo, ou melhor, numa etapa anterior da sexualidade infantil”.

na sedução, a passividade também esconde algumas questões. “Quem seduz quem?” (*ibid.*, p. 111), pergunta. Será que uma criança seduzida passivamente também não desempenha um papel provocador em relação ao gesto sedutor do adulto? Entre o *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]) e sua irmã – que pega seu membro – quem teve a iniciativa do gesto? (Laplanche, 1988d, p. 88). Para responder a estas questões, Laplanche sugere que a passividade da sedução não tem relação com uma passividade comportamental ou gestual, mas está ligada à questão da inadequação da criança para compreender, ou melhor, simbolizar a mensagem que lhe é proposta. Assim, a criança que assiste à cena originária – observação do coito parental, no caso do *Homem dos lobos* – é tão passiva quanto aquela que é sexualmente seduzida pelos adultos.

Sobre o assunto, Coutinho (1994) afirma que a passividade da criança em relação ao adulto deve então ser relativizada, pois, para ela, Laplanche acredita que as crianças também podem induzir os adultos a seduzi-las, nas cenas mais recentes e repetitivas. Ao que complementa:

Contudo, quanto mais se volta no tempo, mais a passividade será dominante, como é o caso extremo do recém-nascido, que fica totalmente à mercê do outro. (Coutinho, 1994, p. 82)

A outra característica essencial da teoria da sedução restrita – o *encadeamento de cenas* – está ligada às relações existentes entre vários acontecimentos, ou melhor, entre várias cenas de sedução, que se encontram articuladas ponto a ponto, através de princípios complexos, tais como contigüidade, semelhança e diferença, já que as cenas simbolizam-se umas em relação às outras. Deste modo, uma cena remete a uma segunda, mais antiga que a primeira, que, por sua vez, remete a uma terceira e assim sucessivamente. Laplanche afirma que a busca freudiana por uma cena originária – a cena primordial – configurou-se como um dos pontos vulneráveis da *neurotica*, contribuindo para o abandono da teoria em 1897.

Continuando sua discussão sobre a teoria da sedução restrita, Laplanche (1988f) passa a apresentá-la a partir de três aspectos complementares – um *aspecto temporal*, um *aspecto tópico* e um *aspecto tradutivo* –, que se aplicam ao que ele denomina de sedução infantil, sedução precoce e sedução originária. Para ele, o termo *sedução infantil* está referido a um primeiro Freud, com sua teoria da *neurotica*, em que o agente sedutor é descrito como *o pai da histérica* (Laplanche,

1988 [1987], p. 115). A *sedução precoce*, por outro lado, refere-se a um período de recalçamento teórico, entre 1897 e 1964/67, segundo Laplanche. Nela, o pai perverso, personagem mais importante da sedução infantil, cede seu lugar para a mãe, que passa a ser a sedutora por excelência, essencialmente na relação pré-edipiana (*ibid.*, p. 126). Finalmente, a noção laplancheana da *sedução originária*, que surge somente após 1964/67, veicula tanto uma idéia de que existem *significantes enigmáticos*, cuja origem é inconsciente, quanto uma outra idéia que inclui na sedução originária situações de sedução “que em nada revelam do atentado sexual” (*ibid.*, p. 134) paterno ou da sedução precoce pela mãe. Nas palavras de Laplanche: “Os cuidados ‘naturais’ ou o atentado ‘paternal’ só são sedutores porque não são transparentes mas opacos, veiculando o enigmático” (*ibid.*, p. 134).

	21 de setembro de 1897	1964-1967
FACTUALIDADE Sedução Infantil	Sedução Precoce	Sedução Originária
TEORIA Teoria da sedução restrita:	Recalçamento da teoria do desenvolvimento:	Teoria da sedução generalizada:
ASPECTOS Aspecto temporal	Mantido isolado (a posterioridade)	Aspecto temporal
Aspecto tópico	Evolui separadamente (as tópicas)	Aspecto tópico
Aspecto verbal, tradutivo	Desaparece	Aspecto verbal (metábole)

(Fonte: Laplanche, 1988 [1987], p. 110)

O *aspecto temporal* da sedução infantil, segundo Laplanche (1988f), corresponde à noção de *a posteriori*, que acompanha a concepção do trauma em dois tempos. Há um primeiro tempo – o tempo do terror e do pânico –, em que a lembrança não é patológica, nem traumatizante. Por outro lado, há ainda um segundo tempo, em que uma nova cena se associa à lembrança da primeira cena,

que se torna auto-traumática. Dito de outro modo, é a própria lembrança, e não a segunda cena, que é auto-traumatizante.

Na opinião de Laplanche (1988f), nenhum trauma tem ação patogênica, segundo a teoria freudiana do trauma em dois tempos. Ao que Coutinho (1994) complementa:

(...) o efeito patogênico do trauma só se manifesta depois, a partir das lembranças. (...) Desse modo, o verdadeiro trauma é um auto-trauma que o sujeito se inflinge pela rememoração. Em função das novas possibilidades de reação do sujeito frente à cena atual, a própria lembrança da primeira cena funciona como fonte de energia libidinal interna auto-traumatizante. (Coutinho, 1994, p. 84)

De acordo com a perspectiva laplancheana, a teoria da sedução restrita se estabelece numa sucessão de traduções, num jogo de *a posteriori*, na medida em que, para Freud, é necessário que a experiência de sedução e a instauração do trauma encontrem seu ponto de partida numa cena vivida ou fantasia originária. Perguntando-se sobre *onde está a sedução*, Laplanche (1988d, p. 87-88) lembra que, no caso *Homem dos lobos* (Freud, 1918 [1914]), a sedução “está toda na relação e na reativação das cenas umas em relação às outras, relação que só se compreende no espaço temporal entre a cena originária e o sonho” (*ibid.*, p. 88). Laplanche (1988f) insiste que Freud não situava, entretanto, a sedução na própria cena originária. Assim, segundo ele, na *neurotica* freudiana, a sedução deveria permanecer como uma estrutura separada das outras fantasias originárias, isto é, da cena originária e da castração.

O *aspecto tópico* da teoria da sedução infantil – enquanto um conflito entre o eu e o outro – deriva, num primeiro tempo, de uma verdadeira estratégia de ataque externo vindo do adulto (Laplanche, 1988 [1987], p. 118-119). Já num segundo tempo, o *aspecto tópico* dela é marcado pelo ataque interno de objetos³, ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o *eu* da criança, que não os consegue simbolizar (*ibid.*, p. 106 e p. 119).

A tópica é aqui terreno para uma verdadeira estratégia, no sentido guerreiro do termo, com movimentos de ataque e de contra-ataque. (...) na altura do primeiro ataque, o ataque externo vindo do adulto, a primeira cena sexual, [o indivíduo] não tem meios de defesa adequada, (...) e quando muito pode bloquear o inimigo no terreno, enquistar a recordação, mas não recalca-la. Num segundo tempo, (...) tem perfeitamente meios para (...) compreender o que se passa, mas

³ Estes objetos a que nos referimos aqui correspondem, para Laplanche após 1964/67, aos *significantes enigmáticos*, na sedução originária.

encontra-se voltado para uma verdadeira guerra estratégica, agredido na face desarmada, isto é, interiormente, atacado por uma recordação e não por um acontecimento. Evidentemente, entre ambos há que fazer intervir (...) o aparecimento do *eu*. (Laplanche, 1988 [1987], p. 119)

Chamamos a atenção para o fato de que o aspecto tópico se constrói em consonância com o desenvolvimento da teoria do *eu* e de suas periferias, o isso e o supereu, assim como o segundo tempo, que é auto-traumático, tem sua saída numa defesa patológica chamada recalçamento.

Já no artigo *Sedução generalizada e primazia do sexual*, ao comentar o aspecto tópico da sedução infantil proposto por Laplanche, Paulo de Carvalho Ribeiro (1996) ressalta que a noção de contra-ataque defensivo por parte da criança – um ataque interno desencadeado por alguma recordação auto-traumatizante – cedeu espaço para a noção de fantasia, após o abandono da teoria da sedução infantil em 1897.

Remetendo-se à hipótese da dupla inscrição⁴, presente no esquema apresentado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52), Laplanche (1988f) afirma que existe um terceiro aspecto da teoria da sedução infantil – *aspecto verbal e tradutivo* –, que, diferente dos aspectos temporal e tópico, permeia a questão da linguagem e dos modos de comunicação. Laplanche desvela um modelo tradutivo da constituição subjetiva, segundo o qual o aparelho psíquico se constituía por estratificação, em que os traços de memória se submetiam, de tempos em tempos, a uma retranscrição, de acordo com novas circunstâncias. Conforme este esquema, cabia a cada sistema uma inscrição de uma mesma representação, inscrição que se diferenciava pelos modos de funcionamento específicos de cada sistema. Neste sentido, a memória estava presente de uma forma múltipla e as inscrições sucessivas marcavam o mecanismo psíquico em diferentes etapas da vida, sendo que entre estas épocas deveria necessariamente se efetuar uma tradução dos traços mnésicos. Dito de outra forma, a passagem de um sistema para o outro deveria ser operada por uma tradução.

⁴ A hipótese da dupla inscrição baseia-se na existência de uma separação tópica do psiquismo – inconsciente/pré-consciente/consciente – e admite a possibilidade de uma mesma representação estar presente em dois locais do aparelho psíquico, ao mesmo tempo. Segundo esta hipótese, uma representação pode avançar de um lugar para outro, sem abandonar sua primeira inscrição.

A partir de sua própria contribuição, isto é, da construção e utilização desses três aspectos, Laplanche (1988f) apresenta pontos positivos e negativos da teoria da sedução infantil. Para ele, a força da teoria da sedução infantil reside:

1) na trama fechada que liga a teoria aos dados tirados da experiência analítica; 2) no fato de pôr em jogo, já de forma rigorosa e doravante intransponível, estes três fatores da racionalidade analítica – temporalidade do *après-coup*, localização tópica subjetiva, laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas; 3) na capacidade explicativa do modelo, amplamente transponível e extensível no campo da psicopatologia; 4) na capacidade evolutiva do modelo: o que designamos de passagem, como ‘esboços’ para desenvolvimentos futuros. (Laplanche, 1988f, p. 112-113)

Laplanche insiste que a essência do fenômeno da sedução não é questionada na sedução infantil, na medida em que a concepção freudiana se limita ao nível mais manifesto da psicopatologia, ao nível das relações perversas entre adultos e crianças (*ibid.*, p. 113). Assim, o modelo da teoria da sedução infantil explica somente a psicopatologia, incluindo num único conjunto a defesa patológica, o recalçamento e o inconsciente. Laplanche afirma que são pontos fracos da teoria da sedução infantil o postulado segundo o qual, em todos os casos de sedução, os pais deveriam ser descritos como pervertidos, a incessante busca por uma cena traumática de sedução mais e mais remota, além da importância quase exclusiva que Freud atribui à puberdade – enquanto uma fronteira entre todas as outras fases pelas quais o sujeito passa.

Segundo Laplanche, com exceção das produções teóricas de Freud e Ferenczi, o tema sedução encontra-se recalçado, entre 1897 e 1964, na literatura psicanalítica. Durante esta época, artigos publicados em revistas não-psicanalíticas atuavam como censura e repúdio a Freud.

É um período de recalçamento, se podemos aplicar este termo à história do pensamento. Na literatura psicanalítica – com exceção de Freud e Ferenczi – é o deserto. (...) A palavra-chave ‘sedução’ indica (...) três artigos de curiosidade psicopatológica e um artigo de curiosidade histórica, todos publicados em revistas não-psicanalíticas por autores cuja posteridade não deixou nenhum testemunho. A restrição à psicopatologia, seu repúdio por Freud como pertencendo a um período ultrapassado, atuaram, no movimento, exatamente como uma censura. (Laplanche, 1988f, p. 114)

Este período intermediário, um período de setenta anos, que coincide com o abandono da *neurotica* freudiana em 1897 e antecede o período em que Laplanche apresenta, pela primeira vez, o que chamaria, após 1964/67, de *teoria*

da sedução generalizada, passa a ser nomeado por Laplanche (1987), assim, de período de recalçamento teórico, que corresponde à sedução precoce.

Os aspectos temporal, tópico e tradutivo da teoria se deslocam, no período de recalçamento. No que se refere ao aspecto temporal, a idéia de *a posteriori* permanece como uma categoria importante para o entendimento da noção de sedução em psicanálise, comparecendo, por exemplo, no caso *História de uma neurose infantil* (Freud, 1918 [1914]). Já o aspecto tópico da teoria evolui separadamente, quando, segundo as próprias palavras de Laplanche, “a noção de ataque interno, a que se liga com o corpo estranho interno, não é posta em questão, mas é a fantasia que toma o lugar desta realidade psíquica última” (Laplanche, 1988 [1987], p. 124). O aspecto verbal e tradutivo da Carta 52, por sua vez, tende a desaparecer quase completamente. Conforme Laplanche (1987), é exatamente Ferenczi quem renova este terceiro aspecto da teoria, justamente com seu ensaio *Confusão de língua*, que, de certa maneira, antecipa o que viria a se chamar, mais tarde, teoria da sedução generalizada.

Vemos neste artigo uma espécie de prefácio à teoria da sedução generalizada, e por isso reservamo-lhe o seu lugar, apesar de um certo anacronismo, no que chamamos ‘o após 1964’. (Laplanche, 1988 [1987], p. 125)

Assim, se a teoria da sedução infantil foi abandonada em 1897 e a sedução experimenta um período de recalçamento teórico, em contraponto inaugurou-se um aprofundamento importante com a introdução do conceito da *sedução precoce* nos textos freudianos, em que o pai – um dos principais personagens na sedução infantil – cedeu seu lugar à mãe, na relação pré-edipiana. Neste sentido, a figura parental sedutora após 1897, segundo Freud, não é mais tanto o pai que seduz, mas a mãe que alimenta e acaricia. Concordando com Freud, Laplanche (1988f) supõe que a relação adulto-criança se mantém assimétrica, não sendo uma interação pautada numa reciprocidade, na medida em que a mensagem sexual se origina do inconsciente e é emitida sempre do lado do adulto.

A sedução adquire um novo sentido – necessário e estruturante –, na medida em que, concebida como uma sedução precoce, constitui o aparelho psíquico da criança, desde os seus primeiros meses de vida. Laplanche (1988 [1987], p. 126) associa o verbo *musste* a essa sedução necessária, com o propósito de marcar o caráter inegável das ações maternas, no que tange aos cuidados corporais com os bebês. Procurando sustentar seu argumento, insiste que os

próprios pontos de focalização dos cuidados de higiene maternos são reconhecidos, desde Freud, como zonas erógenas, que eram investidas sexualmente pelas crianças, através de fantasias.

Coutinho (1994) comenta sobre o caráter inegável e necessário da sedução precoce, tal como interpretada por Laplanche (1987; 1988f):

(...) em contraposição à Teoria da Sedução, onde o agente da sedução é o pai, Freud passa a identificar a mãe ou um substituto como agente, por ser a responsável pelos cuidados iniciais da criança. Laplanche denomina esta sedução estruturante – efetivada pelos cuidados maternos – de sedução precoce. (Coutinho, 1994, p. 117)

Laplanche, para ela, extrapola a idéia de sedução infantil em Freud, ao postular que a sedução precoce, na qual a mãe é o agente sedutor por excelência, além de traumática também é estruturante.

(...) dizemos que a sedução é traumática e ao mesmo tempo estruturante. Estrutturante porque a organização da sexualidade só é possível pela intervenção, provocação por um agente externo dissimétrico e, portanto, traumático. Traumático porque a criança é confrontada com um excesso de quantidade, com a força pulsional, cuja representação, simbolização não é possível. O que determina a situação traumática é a possibilidade dessa quantidade ser ou não representada. (Coutinho, 1994, p. 118)

Desta forma, a sedução enquanto um episódio real não é abandonada, mas Laplanche avança na questão da experiência sexual traumática, em direção à sedução essencial. Laplanche então desenvolve sua *teoria da sedução generalizada*, ao acreditar que a existência de um inconsciente parental seria relevante desde a relação mãe-bebê. Laplanche (1988f e 1988e) propõe uma nova teoria e estabelece a *sedução originária*, em que a situação de sedução deve ser concebida como algo que está para além da experiência sexual de sedução, a partir de um contexto em que uma criança é confrontada com mensagens emanadas do adulto, mas das quais não possui a chave, ou seja, os significantes enigmáticos. Nas palavras de Coutinho (1994):

Enigmáticos, não apenas porque a criança não possui o código nem as respostas fisiológicas ou emocionais para tais mensagens, mas também porque o próprio adulto não conhece o código, por se tratar de significações sexuais inconscientes. Enigma, aqui, (...) refere-se ao fato de que os significantes parentais no curso dos recalcamientos – traduções sucessivas – abandonaram seus significados que ficaram perdidos para sempre. Como uma fechadura que a chave se perdeu. Perdeu-se para ambos os parceiros da sedução originária. (Coutinho, 1994, p. 119)

Coutinho pontua então que a sedução originária é sedução por si mesmo, não estando necessariamente articulada a um atentado sexual. Nesta medida, a sedução generalizada é “o protótipo do mecanismo de toda sedução, de qualquer que seja o tipo” (Coutinho, 1994, p. 120).

Para exemplificar a sedução originária, Laplanche (1988d) retoma a idéia de que o seio materno transmite para o bebê uma mensagem que pode ser tanto verbal quanto não-verbal, e que esta mensagem é sexual e enigmática. Contudo, esclarece que estas mensagens enigmáticas são essencialmente mensagens não-verbais, no caso de um bebê. Laplanche ressalva que, além de ser um órgão através do qual a criança se alimenta, o seio é uma zona erógena para a mulher, faz parte de sua vida sexual, sendo por ela inconscientemente investido. Neste sentido, afirma que o seio atua como zona erógena na relação da mãe com a criança.

Que quer de mim este seio que me alimenta, mas que também me excita; que me excita se excitando? Que quer ele dizer, que ele mesmo não sabe? (Laplanche, 1988d, p. 79)

O exemplo do seio materno aponta para a existência de uma relação pulsional adaptativa – pulsão de autoconservação, na medida em que a relação mãe-bebê está centrada, inicialmente, na satisfação de uma necessidade, através da alimentação, assim como está centrada também numa relação de trocas entre o que é exterior ao bebê e o que lhe é interior, isto é, seu corpo. Entretanto, de outro modo, a própria presença do seio materno, segundo Laplanche, se impõe para a criança “como mensagem enigmática, carregada de um prazer de si mesmo, ignorado e de impossível circunscrição” (*ibid.*, p. 79).

(...) ao nível da autoconservação ou adaptação (...), a comunicação vai no sentido filho-pai, enquanto no domínio sexual vai no sentido inverso; de tal maneira a criança evolui da adaptação para a sexualidade que Freud não hesita em afirmar que a mãe (na sua relação com o filho) passa da sexualidade à afeição: “O amor da mãe pelo lactente que ela alimenta e cuida é algo de diferentemente profundo da sua afeição ulterior pelo filho que começou a crescer”. Há um verdadeiro desencontro entre o caminho que o filho percorre e o que a mãe percorre. (Laplanche, 1988 [1987], p. 104)

Para desenvolver a noção de significante enigmático, Laplanche se inspirou no artigo *Confusão de língua* – no qual Ferenczi trabalha o mundo do adulto, caracterizando-o através da linguagem da paixão –, assim como no modelo

tradutivo, ilustrado na Carta Freud-Fliess de 06/12/1896 (Carta 52). De *Confusão de língua*, Laplanche resgata o aspecto traumático e estruturante da relação da criança com o mundo adulto, na medida em que postula a existência de confrontos entre criança e adulto pelos significantes enigmáticos, na sedução originária. Contudo, segundo Laplanche (1987), em *Confusão de língua*, Ferenczi passa ao lado do que é mais importante, a manifestação do inconsciente parental, não percebendo que a linguagem apaixonada do adulto “só é traumatizante porque veicula um sentido em si mesmo ignorado” (Laplanche, 1988 [1987], p. 132). Sobre a expressão ferencziana *confusão de línguas*, Laplanche ressalta:

(...) a expressão ‘confusão de línguas’ não nos parece completamente adequada. Com efeito, há línguas de adulto, língua verbal, língua dos gestos, das convenções, das mímicas ou dos afetos. Também existe na criança uma potencialidade para entrar nestas línguas, que é uma potencialidade natural, instrumental e também afetiva. Mas, (...) o problema não se resume nem à aquisição de uma ou várias ‘línguas’, nem ao confronto de duas línguas com as suas lógicas e os seus processos significantes diferentes. Com efeito, sabe-se que, sem gramática nem dicionário, é perfeitamente possível semelhante aquisição ou semelhante correspondência, e isto sem mais. (Laplanche, 1988 [1987], p. 131)

Já da Carta 52, Laplanche retoma os pontos de vista tradutivo e econômico, na teoria da sedução generalizada. A partir dela, sustenta que a falha de tradução do material psíquico, disponível na forma de traços mnésicos, é constitutiva do recalçamento, explicando a permanência de resíduos intraduzidos de mensagens enigmáticas, emanadas do adulto. Dito de outro modo, existem significantes enigmáticos que estão presentes no interior da linguagem do adulto – “uma mensagem de si mesmo ignorada” (*ibid.*, p. 94) e que, antes mesmo de serem traduzidos, são passivamente registrados no aparelho psíquico. Deste modo, o que está em perspectiva nos resíduos dessas mensagens enigmáticas sexuais oriundas do outro, que escapam à eficácia tradutiva, “é a própria gênese do indivíduo, enquanto possuindo um inconsciente e uma sexualidade” (Laplanche, 1988f, p. 108).

Para descrever com o que a criança originalmente se confronta, ou seja, esses significantes enigmáticos, essa parte da experiência que ela tem que controlar imediatamente, traduzir, assim como assimilar em seu *eu*, Laplanche

(1987) resgata o termo *Wahrnehmungszeichen*⁵ – utilizado por Freud na Carta 52 e traduzido por Masson (1986) como *indicação da percepção*. Para Laplanche, estes primeiros elementos a serem traduzidos pela criança – os significantes enigmáticos, tal como se aplica antes de qualquer tradução – são comparáveis às *indicações da percepção*.

Laplanche pressupõe que, em toda sedução, há a intervenção de um adulto que, com seu inconsciente, endereça à criança uma mensagem que para ela é enigmática e traumática. Em outras palavras, é a sedução por parte de um adulto que desvia a criança em relação aos seus estímulos pulsionais de autoconservação, fazendo incidir no corpo do bebê as indicações perceptivas de significantes intraduzíveis. Assim, Laplanche (1988f) sugere que estas situações sedutoras, em que o adulto endereça à criança significantes enigmáticos, interpelando-a a lhes dar uma resposta e um sentido, sejam reconhecidas pelo termo *sedução originária*.

Continuando a apresentar o tema da sedução, Laplanche (1988f) propõe a reconstrução das seduções infantil e precoce, sob uma forma generalizada, com ênfase na série sedução infantil (pedófila) – sedução precoce pela mãe – sedução originária. Laplanche acrescenta:

(...) a sedução originária não abole a importância dos dois outros níveis mas vem antes lhes dar seu fundamento. (Laplanche, 1988f, p. 119)

Assim, a sedução precoce é enfatizada na teoria da sedução generalizada, pois as fantasias inconscientes funcionam plenamente nas zonas erógenas do bebê, principais pontos de focalização dos cuidados maternos; e, de outro lado, a importância dos fatos da sedução infantil pode ser reavaliada a partir da sedução originária e da sedução precoce (Laplanche, 1988 [1987], p. 135). Sobre o assunto, Laplanche comenta (1988f):

Chego à sedução originária (...). A ‘generalização’ que opero, das seduções – infantil e precoce – freudianas à originária não é uma passagem a um primeiro tempo, numa regressão temporal e na dimensão de um *après-coup*; é uma passagem ao essencial e à ‘efetividade’ em relação às seduções que apenas descrevem o ocorrido (infantil) ou situacionais (precoce). A sedução originária quer dizer que é a presença de um maior sentido, mas de um ‘maior sentido’

⁵ Cf. Masson (1986, p. 209): “Wz |*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)| é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações de simultaneidade.”

escondido, ignorado, que é o próprio mecanismo de toda sedução, quer esta seja precoce, infantil, adulta, etc. (Laplanche, 1988f, p. 123).

Segundo a perspectiva laplancheana (1987), com a teoria da sedução generalizada, o esforço que uma criança faz para *traduzir* o trauma na sedução originária ocasiona um recalçamento “destes primeiros significantes e de seus derivados metonímicos” (*ibid.*, p. 101). Conforme Laplanche, este primeiro momento de operação do recalçamento, o recalçamento originário, deve então ser entendido como falha de tradução na sedução originária, apresentando-se em dois tempos, sendo condição necessária para o nascimento do *eu*, para a própria estratificação dos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente.

Num primeiro tempo, não há *eu* ou, então, se já quisermos empregar este termo, é necessário dizer que está em coincidência com o todo do indivíduo e, mais especificamente, com a sua periferia que o delimita. Neste momento é *eu-corpo*, como diz Freud. Enquanto no segundo tempo do recalçamento originário o que está em causa é, desta vez, o início do *eu* como *instância* (...) (Laplanche, 1988 [1987], p. 139)

Para Laplanche, a situação do significante enigmático é diferente, segundo exista ou não a instância do *eu*. Num primeiro tempo, o significante enigmático é um objeto externo; com a criação do *eu*, num segundo tempo, o significante enigmático se torna, por outro lado, um objeto interno ao indivíduo, embora atue externamente em relação ao *eu*.

No primeiro tempo, é externo, cravado (...) na periferia do *eu*, muito concretamente implantado na periferia do indivíduo, principalmente nos pontos que se chamarão zonas erógenas. Enquanto, no segundo tempo, o significante enigmático (...) torna-se interno: permanece externo relativamente ao *eu* cravado na sua periferia, mas como o *eu* é mais restrito que o indivíduo (...) é um externo-interno que para o *eu* age do exterior. (Laplanche, 1988 [1987], p. 140-141)

Retomando os aspectos temporal, tópicos e tradutivos que já havíamos distinguido na sedução infantil e no período de recalçamento teórico que corresponde à sedução precoce (entre 1897 e 1964/1967), percebemos que, na sedução originária, o aspecto temporal só adquire sentido quando referenciado ao aspecto tradutivo, “porque é só no domínio da reelaboração tradutiva que se pode compreender aquilo que pode significar este (...) efeito denominado *posterioridade*” (Laplanche, 1988 [1987], p. 136). No entanto, o aspecto tradutivo continua referenciado ao modelo da Carta 52. Através do recalçamento originário, na opinião de Laplanche, funda-se um movimento de tradução que dura toda a

vida e que é explicado a partir do esquema matemático da substituição significativa ou metábole. Conforme este esquema matemático, num primeiro tempo há um par significante-significado que se submete à uma ação metabolizante de um segundo par, que é um par de significantes.

$$\frac{S_1}{s} \times \frac{S_2}{S_1}$$

Segundo nos mostra Laplanche (1987), do lado esquerdo da metábole existe um primeiro termo S_1 , que corresponde à mensagem enigmática proveniente do outro. Nestes casos em que o próprio emissor (o adulto) desconhece o conteúdo sexual, inconsciente e enigmático da mensagem, o segundo termo – o significado (s) – é inatingível. Já do lado direito há um segundo par de significantes S_2 e S_1 , que corresponde a uma primeira tentativa de tradução.

Laplanche estabelece ainda outro esquema, o esquema da metábole recalçante⁶, em que a mensagem enigmática passa a atacar o indivíduo de seu interior; ela se torna auto-traumática, provocando o recalçamento.

$$\frac{\frac{S_2}{s}}{\frac{S_1}{S_1}}$$

Assim, inspirado no esquema matemático da metábole, Laplanche (1987) afirma que a sedução se encontra na origem do aparelho psíquico, sendo produzida junto ao recalçamento, na passagem para o segundo tempo. O ponto de vista tópico deve ser, com isso, reavaliado em relação aos tempos do recalçamento, levando-se em consideração o modelo teórico freudiano isso/eu/supereu, pois este segundo momento da teoria de Freud marca, para Laplanche, um progresso no que se refere à discussão sobre a sedução.

Desta forma, Laplanche elabora uma teoria da sedução generalizada com o objetivo de explicar a origem do aparelho psíquico, a partir da relação adulto-criança. A teoria da sedução generalizada sustenta que, na situação originária –

⁶ Segundo Laplanche (1987, p. 138), o esquema da metábole recalçante deve ser entendido, sob o ponto de vista matemático, como um mero artifício, na medida em que esta fórmula algébrica é absurda.

isto é, no confronto da criança que ainda não fala com o mundo adulto –, o fato de uma criança ser criada e educada por seus pais e estar inserida em um contexto familiar é contingencial: “podemos, em todo rigor, e quaisquer que sejam as distorções que possam daí resultar, nos tornar, sem família, um ser humano” (*ibid.*, p. 118). No entanto, o confronto de uma criança com o mundo adulto, como uma situação que escapa a qualquer contingência, é, por sua vez, inegável e essencial para a constituição do sujeito, posto que, para Laplanche, todo o processo de constituição subjetiva é deflagrado a partir do encontro entre a criança e o mundo adulto. Já a cena do coito parental “é ela mesma sedução para a criança, no sentido de sedução originária” (*ibid.*, p. 119). Desta maneira, o que Laplanche está marcando ao distanciar a sedução das idéias de abuso sexual e da necessidade de existir um adulto sedutor é que o enigmático é diferente do sexual genital.

Além de destacar a importância do confronto da criança com o mundo adulto para a constituição do sujeito, Laplanche (1997) entrelaça dois aspectos que estão presentes na obra freudiana e que lhe interessaram particularmente: a teoria da sedução e a descoberta do inconsciente, já que, para ele, a teoria da sedução infantil é recalcada – no sentido do termo *período de recalçamento*, que corresponde à sedução precoce –, mas indispensável para o entendimento do que seria o inconsciente, na teoria freudiana. Neste sentido é que Laplanche se refere tanto ao inconsciente descoberto por Freud antes de 1897, o que supomos ser uma referência à Carta 52, quanto ao inconsciente que aparece em diversos momentos da teoria freudiana, incluindo certamente as modificações presentes no trabalho freudiano de 1915, *O inconsciente*.

Laplanche (1997) sugere que o inconsciente freudiano – as memórias, os fragmentos de memórias, as fantasias etc. – consiste em cenas, ou fragmentos de cenas, que são, acima de tudo, essencialmente sexuais. Para Laplanche, o significado disto não é apenas contingencial. A primazia da sexualidade se sobrepõe à questão alimentar e à necessidade de proteção, estando diretamente ligada à presença real de um outro, inegável para a sobrevivência do recém-nascido, daquele que ainda não fala. Essencialmente, a revolução iniciada por Freud diz respeito, portanto, à alteridade do inconsciente, que só é garantida a

partir de outra pessoa – o *adulto-outro-enigmático*⁷ –, por sedução. Neste sentido, a alteridade do *adulto-outro-enigmático* é velada e, na opinião de Laplanche (1997, p. 659), reabsorvida na forma de *minha* fantasia do outro, *minha* fantasia de sedução, colocando em risco a própria alteridade do inconsciente.

Laplanche (1997) relativiza a questão da sedução infantil e da existência obrigatória de um agente sedutor sustentada por Freud antes de 1897, assim que o *adulto-outro-enigmático* passa a ser considerado como primordial para a constituição do sujeito. Colocando de lado o debate sobre se estas cenas são reais ou são cenas fictícias, o que Laplanche (1997) descreve, nas cenas de sedução, é a própria intervenção do *adulto-outro-enigmático*, com seu inconsciente. Neste sentido, a sedução deve ser encontrada no cerne das fantasias primordiais do outro, assim como, particularmente, na cena originária enigmática, que é necessariamente traumática para a criança. Assim, Laplanche aponta que as mensagens enigmáticas e sexuais dos adultos são distantes deles próprios; não são mensagens transparentes, mas comprometidas (no sentido psicanalítico do termo) pela relação do adulto com o seu próprio inconsciente, pelas fantasias sexuais inconscientes que são colocadas em movimento na relação estabelecida com a criança.

Segundo Laplanche (1997), sempre que as cenas originárias são apresentadas por Freud, duas idéias incomunicáveis entre si dividem, de um lado, comportamento dos pais e, de outro, o lado da criança, uma experiência traumática que a criança precisa simbolizar. Entretanto, na sua opinião, entre estas duas idéias – *comportamento parental* e *experiência traumática* – falta algo, ou seja, falta supor que mostrar relações sexuais para crianças não é simplesmente uma realidade objetiva, na medida em que mesmo o *deixar ver* por parte dos pais está sempre referido a um *fazer ver*, isto é, a uma exibição. Neste sentido, a experiência de sedução adquire valor de espetáculo traumático para a criança.

De certo modo, o *adulto-outro-enigmático* adquire um estatuto novo para Laplanche em 1997, justificando a menção específica deste artigo. Nele, Laplanche sustenta que não há somente a realidade do outro *nele mesmo*, para sempre inalcançável – os pais em relação ao seu próprio desejo, a sua satisfação

⁷ Escolhemos traduzir a expressão *adult other* (Laplanche, 1997), por *adulto-outro-enigmático*, tal como o fez Figueiredo (1994), em seu artigo *A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche*.

de prazer – e a realidade do outro *para a criança*, existindo exclusivamente nas produções fantasísticas da criança; há também o outro que, primordialmente, se endereça à criança; o outro que deseja alguma coisa desta criança. Assim, de acordo com Laplanche, a questão que a criança faz a si mesma pode ser resumida da seguinte forma: O que quer este pai de mim, ao me mostrar, ao me fazer ver esta cena originária, mesmo que seja somente me levando a um local onde eu possa testemunhar um coito animal?

No artigo *A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche*, Luís Cláudio Figueiredo (1994) insiste que a sedução, numa leitura laplancheana, não é exercida somente por adultos perversamente sedutores, mas por todos aqueles adultos que, de alguma forma, representam para a criança o mundo adulto, através de mensagens enigmáticas.

(...) a sedução não é exercida apenas pelo adulto perverso, mas pelo *adulto-outro-enigmático*, isto é, por todo e qualquer representante deste *mundo adulto* com suas mensagens sempre *plurais, cindidas, equívocas, promissoras e excludentes*. Assim sendo, as mensagens do adulto serão necessariamente enigmáticas, pondo à prova e derrotando as capacidades e recursos simbólicos da criança. (Figueiredo, 1994, p. 299)

Comentando sobre a teoria da sedução generalizada, Figueiredo ressalta que Laplanche sempre se refere a adultos concretos, particulares e diferenciados, quando ele emprega a noção de mundo adulto, concordando com Laplanche, no que concerne à existência de enigmas provenientes do mundo adulto que exigem da criança todo um trabalho de tradução e de simbolização. Ratificando as idéias de Laplanche sobre os significantes enigmáticos, Figueiredo sustenta que parte deste esforço infantil é imetabolizável, contribuindo para a formação do inconsciente da criança.

Uma parte mais ou menos substancial destes enigmas é imetabolizável, resistente ao trabalho tradutivo e vai se constituir, através do recalçamento de fragmentos de mensagens enigmáticas, no inconsciente da criança. Estas partes intraduzíveis – que são ao mesmo tempo comunicadas, ignoradas e desmentidas (...) pelo adulto – são o ‘sexual’ (...). (Figueiredo, 1994, p. 299-300)

Neste sentido, Figueiredo argumenta que o *adulto-outro-enigmático* é, na teoria da sedução generalizada, um objeto a oferecer mensagens à criança – ele é o outro da criança –, sendo matriz das traduções primitivas. O mundo adulto,

portanto, não deve ser confundido somente com o mundo externo, significando mais do que isto.

Ressaltamos que a leitura de Figueiredo (1994) sobre a questão do outro em Laplanche difere daquela presente no texto laplancheano de 1997. Para ele, Laplanche fala da alteridade a partir de uma ótica realista – em que o adulto é o outro da criança –, pois não compreende, fenomenologicamente, a alteridade como emergência, nem se descola de uma noção pré-crítica do outro. Segundo Figueiredo, Laplanche possui “uma noção positivista de alteridade, em que esta é concebida como um ente-já-constituído”, impossibilitando que a alteridade seja tomada “como o que brota no acontecimento inaugural em que o si e o outro vêm a ser” (*ibid.*, p. 297). No entanto, insiste também que a contribuição laplancheana é importante para a psicanálise na medida em que postula a existência de um outro enigmático, sedutor e traumatizante, enfatizando que este outro é um outro cindido, sendo outro-para-si-mesmo, portanto.

Também interessado em discorrer sobre a teoria da sedução generalizada, Ribeiro, nos artigos *Sedução generalizada e primazia do sexual* (1996) e *Rumo a uma teoria psicanalítica da feminilidade* (1997), afirma que, para ele, Laplanche se propôs, na teoria da sedução generalizada, a retomar a questão freudiana do originário e a recuperar uma concepção de inconsciente na qual a sexualidade adquiriria uma dimensão de alteridade radical.

De acordo com Ribeiro (1996), Laplanche valorizou a idéia de que existiam pequenos outros, capazes de implantar na criança mensagens enigmáticas que lhes são próprias, assim conferindo ao inconsciente características individuais, fundadas na história particular de cada sujeito. Por outro lado, ainda segundo Ribeiro, a realidade da sedução laplancheana difere tanto de uma realidade material quanto de uma realidade psicológica, na medida em que está referida a uma realidade da mensagem que advém do outro. A realidade da sedução pressupõe um excesso não traduzido ou intraduzível que traumatiza a criança, na medida em que este conteúdo que resta sempre possui características sexuais.

(...) trata-se da impossibilidade de traduzir completamente uma mensagem em imagens ou qualquer outra forma de expressão sem que se produza algum resto não traduzido ou intraduzível. A realidade da mensagem pressupõe assim a existência de um excesso de conteúdo capaz de torná-la parcialmente ou totalmente opaca para aquele que a produz como para aquele que a recebe.

Opacidade, no entanto, altamente operante e intrusiva já que invariavelmente ligada a um conteúdo sexual inconsciente. (Ribeiro, 1996, p. 50)

Para Ribeiro (1997), com a tese da sedução generalizada, Laplanche pretende “reinstalar o outro” (*ibid.*, p. 133) – o *adulto-outro-enigmático*, que desconhece o quanto pode influenciar com sua sexualidade uma criança. Neste sentido, os bebês experimentam vivências originárias de sedução desde o nascimento, na medida em que os adultos os marcam com mensagens, muitas vezes inconscientes, de irritação, sedução e dispersão.

Laplanche amplia então a sedução, que, apesar de ainda inegavelmente traumática, perde seu caráter de abuso sexual. Na nossa opinião, sua contribuição se encontra também referenciada ao agente da sedução, que é mais do que simplesmente um adulto concreto ou o próprio sujeito que fantasia ter sido seduzido por seus pais ou algum substituto destes, pois, para Laplanche, o agente sedutor é o próprio mundo adulto – existe um outro, ou seja, o *adulto-outro-enigmático*, que se endereça à criança, desejando alguma coisa dela.

Deste modo, a partir da teoria da sedução generalizada, Laplanche relativiza tanto a primeira teoria da sedução freudiana como a teoria ferencziana da sedução, aproximando-se de um Freud mais tardio, após 1897, e mais especificamente de um Freud da década de 1930 (1931; 1933 [1932c]). A Laplanche só interessa trabalhar as seduções freudianas infantil e precoce, desde o momento em que elas remetam o sujeito às mensagens enigmáticas, que são inconscientes.

Conclusão:

Os destinos da sedução em psicanálise

É tempo de concluir sobre quais seriam os destinos da sedução, de acordo com os pensamentos de Freud, Ferenczi e Laplanche. Pensamos em retomar alguns pontos apresentados nesta dissertação, como uma maneira de melhor alinhar as diferentes vertentes da sedução. Este caminho se mostrou necessário embora às vezes repetitivo, já que esclarecemos, ao longo dos capítulos, sobre o que há de traumático e contingencial na sedução, assim como o que da sedução se mostra patológico, essencial e estruturante para o psiquismo.

A escolha por estudar a questão da sedução em psicanálise não se deu de uma hora para outra. Inicialmente interessávamo-nos por trabalhar em Freud a questão do complexo de Édipo e suas articulações com o complexo de castração, um caminho que, de algum modo, para nós era conhecido, pois já havíamos produzido artigos sobre o tema, monografia de final de curso etc. Entretanto, após seis meses de pesquisas e levantamento bibliográfico, surpreendemo-nos com os desvios que começaram a aparecer. Nesta época, lendo a obra freudiana, que nos instigava a estudar mais sobre questões referentes à sedução e ao trauma, tivemos que fazer uma difícil escolha: reconhecer nosso próprio desejo de mudar o tema principal da pesquisa.

Esse foi certamente um momento importante para a continuidade de nossos estudos, já que o terreno desconhecido que adviria com esta decisão era assustador. Foram-nos sugeridos para compor o trabalho, além de Freud, dois novos autores – Ferenczi e Laplanche –, autores esses totalmente diferentes de tudo o que conhecíamos ou que já havíamos estudado. Assim, começamos como um recém-nascido que se permite ser invadido pelo mundo adulto, o mundo das publicações psicanalíticas, no nosso caso. Como resultado de nosso desconhecimento anterior, muitas vezes nos posicionamos demasiadamente próximos dos autores, respeitando o que de original cada uma das teorias nos trazia. Colocamo-nos, desta forma, sempre no lugar daquele que nada conhece sobre o tema principal – *a questão da sedução e seus destinos, segundo Freud, Ferenczi e Laplanche* – e que avidamente procura, a partir de muita pesquisa,

produzir conhecimento, com vistas a contribuir, *a posteriori*, para a transmissão do saber em psicanálise.

Logo após decidirmos que gostaríamos de estudar a questão da sedução em psicanálise, a primeira pergunta que nos fizemos foi: o que significa sedução? No *Dicionário Aurélio* encontramos que seduzir, verbo derivado do latim *seducere*, apresenta pelo menos três acepções negativas: *desencaminhar*, *enganar arditosamente* e *desonrar, recorrendo a promessas ou encantos*. Outras acepções, entretanto, ligam seduzir a aspectos positivos, como *atrair*, *encantar*, *fascinar*, *deslumbrar*. Bons exemplos de como os aspectos positivos e negativos se entrelaçam se encontram descritos nas lendas brasileiras, tais como as lendas do boto, da Iara Mãe D'Água e da sereia. São histórias diferentes, contadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, que, convergindo em suas principais características, podem, em princípio, fazer com que o público leitor entenda tanto como o boto transmutado em homem, através de seus galanteios, conquista as moças do lugar e as engravida, quanto como o sorriso e o canto da sereia e da Iara Mãe D'Água, ao mesmo tempo que encantam, levam o seduzido à própria morte. Assim, a partir do material encontrado sobre o assunto da sedução, ressalvamos uma das novidades oriunda do nosso trabalho de dissertação: *seduzir* significa desviar do caminho, em psicanálise. E como o único caminho já traçado desde o nascimento do sujeito é o que o leva à morte, desviar é assim um sinal da pulsão de vida.

E por que trabalhar o tema da sedução em Freud, Ferenczi e Laplanche e não a partir de outros autores? Nosso levantamento bibliográfico desde o início se direcionou para esses três autores, porque eles apresentavam, cada um a sua maneira, trabalhos sobre o tema da sedução. Mesmo antes de começar nossa pesquisa sobre sedução, já sabíamos que Freud, Ferenczi e Laplanche eram autores pertinentes para a elaboração de nossa pesquisa. Freud, porque foi a partir dele que a psicanálise começou, além da sedução ser, entre várias outras questões, um tema de seu interesse. Já Ferenczi e Laplanche, pelas suas contribuições teóricas sobre sedução, que são auto-evidentes.

Queríamos com os autores escolhidos tentar construir um percurso cronológico para a sedução, no âmbito da psicanálise. Perguntávamo-nos então como o conceito da sedução foi percebido e trabalhado por Freud, Ferenczi e Laplanche, quais os pontos em comum entre eles e quais suas discordâncias. Em

comum eles têm o fato de se interessarem sobre a questão da sedução, enfatizando seu caráter essencialmente traumático. De acordo com as teorias freudiana, ferencziana e laplancheana a sedução é traumática. A sedução pode adquirir contornos negativos, mostrando-se desestruturante e patológica, numa perspectiva freudiana até 1897 e numa perspectiva ferencziana. Por outro lado, segundo um Freud mais tardio, bem como para Laplanche, a sedução é apresentada na sua vertente mais positiva, enquanto uma sedução essencialmente estruturante e organizadora do psiquismo.

Teoria da sedução freudiana			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
1ª fase:	primeira teoria da sedução freudiana ou <i>neurotica</i>	traumática, evitável (contingencial) e patológica	adulto concreto e real/ pai perverso
2ª fase:	teoria da fantasia	traumática, inegável e patológica	adulto concreto e real/ pai perverso ou através de fantasias do próprio sujeito humano
3ª fase:	***	traumática, necessária e estruturante	mãe sedutora, participante desde os primeiros cuidados de higiene

Teoria ferencziana da sedução			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
1º tempo:	sedução propriamente dita	traumática, inegável, tem um viés que é patológico e desestruturante, mas um outro que é necessário e constituinte	adulto concreto e real/ pai perverso
2º tempo:	desmentido		

Teoria da sedução generalizada (Laplanche)			
sedução	conhecida por	características	agente sedutor
***	teoria da sedução generalizada	ampliação da sedução, que perde seu caráter de abuso sexual; traumática; necessária, estruturante, não intencional; fundamental e originária	mundo adulto/ adulto-outro-enigmático (através de mensagens enigmáticas, que são inconscientes)

Desta forma, a sedução traumática não é apenas fragmentadora e, dependendo diretamente de qual o referencial teórico utilizado, além de desviar e desordenar, a sedução pode adquirir então um caráter organizador, na medida em

que promove a criação e a estruturação do psiquismo. O que seduz, deste modo, tanto separa, fragmentando o *eu* frágil da criança, quanto é necessário, essencial, permitindo que o inconsciente se estruture a partir das relações humanas.

Segundo uma visada em que a sedução é instituinte, um sedutor se utiliza do artifício da sedução na mesma medida em que precisa do outro. Entre um psiquismo e outro, ou *mais simploriamente*, entre os inconscientes de duas pessoas, existe um elo de ligação essencial, posto que mediador de uma série de relações estruturantes: a sedução. Como um fim em si mesma, no entanto, ela é perversa, sendo considerada puro referencial, a partir de um enunciado que só se referencia a si mesmo. A sedução como um fim em si mesma é, pois, a ilusão referencial criada por Molière, como uma forma de caracterizar Don Juan.

* * *

Ao retomar alguns pontos teóricos sobre o tema da sedução, inegavelmente traumática para os três psicanalistas estudados e que se mostra, em alguns momentos, estruturante e, em outros, desestruturante e patológica, ressaltamos que, já numa primeira pesquisa bibliográfica, foram descobertas teses e dissertações que trabalhavam extensivamente a obra de Freud, Ferenczi e Laplanche, ou ainda que trabalhavam exaustivamente o tema *sedução*. No entanto, quase não foram encontrados trabalhos acadêmicos que tivessem se proposto a agregar, num único mapeamento teórico, a questão específica da sedução traumática, segundo os pontos de vista desses três autores. Dito de outro modo, contemporaneamente o que existe na língua portuguesa são publicações que se estruturam a partir do referencial teórico de Ferenczi, outras a partir de Laplanche, outras inspiradas em Freud e assim por diante. Assim, na nossa opinião o que de mais original pôde se presentificar nesta pesquisa foi o nosso objetivo de reunir os três psicanalistas, aproximando-os a partir de uma revisão bibliográfica sobre um único assunto, a sedução.

Construída na década de 1890, a primeira teoria da sedução sexual freudiana se propunha a explicar a etiologia das neuroses, não sendo portanto uma teoria que se encerrava na pura constatação clínica da frequência de experiências traumáticas de sedução infantis. Freud estava interessado em estabelecer o vínculo que descobriu entre sexualidade, trauma e recalçamento – enquanto uma defesa patológica, que se exerce eletivamente sobre a sexualidade –, para então concluir

que inegavelmente a emergência da sexualidade é traumática para o sujeito e, inversamente, que só se pode, em última instância, falar de trauma e nele descobrir a origem da neurose, na medida em que interveio a sedução sexual. Na perspectiva freudiana da *neurotica*, sustentava-se, pois, a idéia de que um adulto perverso – geralmente um pai – abusava sexualmente de uma criança, que, despreparada em níveis somático, afetivo, psíquico e intelectual, agia sempre passivamente frente às situações traumáticas de sedução. Num primeiro tempo então da teoria freudiana da sedução, foi enfatizado o viés traumático e patológico da sedução.

Contudo, Freud reconheceu seu erro em 1897: ele havia imputado inicialmente ao exterior algo que era interior ao sujeito. A partir da descoberta das fantasias sexuais das histéricas, Freud postulou a existência da vida sexual da criança, enquanto uma criação fantasística singular e própria de cada um, relativizando o par atividade-passividade. Neste sentido, o exemplo do menino Hans, que, em duas situações, seduz sua própria mãe, retrata mais fidedignamente o que acontece nas relações mãe-criança (Freud, 1976 [1909], p. 29 e p. 34).

De acordo com a perspectiva freudiana após 1897, o viés patológico e desestruturante da sedução é colocado em segundo plano. A sedução, embora continue a ser entendida por Freud após 1897 como uma sedução que é necessariamente traumática, é também essencialmente instituinte do psiquismo – o *eu* da criança se constitui por meio dela. A partir dessa época, a sedução é inegável, embora continue como sempre relacionada ao sexual.

Consoante com um Freud mais tardio, isto é, após o abandono da *neurotica*, em qualquer situação concreta ou fantasística de sedução existe uma articulação, que é positiva e estruturante, entre a sedução e a necessidade de uma outra pessoa, pois, diferente de tantos outros mamíferos, o ser humano necessita de um outro para sobreviver. Um bebê, sempre que abandonado às próprias custas logo ao nascer, morre. Ele necessita de uma pessoa que se encarregue dos cuidados – em geral a mãe –, que o alimente, que faça seu asseio, que o agasalhe. Mas isto não é suficiente para que um bebê sobreviva ao meio ambiente. Não se trata de somente satisfazer as necessidades somáticas, fisiológicas do bebê, para que, a partir daí, ele sobreviva.

Os vínculos que unem desde o início o bebê aos objetos e, principalmente, à mãe são complexos, primeiro porque somente num segundo tempo a criança

consegue definir seus limites corporais – num primeiro tempo, a criança não reconhece o que é interno e o que é externo, ou seja, o meio ambiente, os outros seres vivos e assim por diante; segundo porque as relações da criança com as pessoas que cuidam dela são uma fonte contínua de excitações e satisfações sexuais, justificando algumas perguntas que, hipoteticamente, o bebê pode vir a fazer a si mesmo: O que quer esta mãe de mim? Que lugar eu ocupo na fantasia desta mãe que me alimenta, mas também me afaga, me acaricia com gestos e, sobretudo, com palavras? Que lugar eu ocupo na fantasia desta mãe que, mais tarde, também me proíbe, me frustra?. Finalmente, ao mesmo tempo em que o bebê é induzido à sedução desde seu nascimento – na medida em que precisa de um outro concreto, que cuide dele para sobreviver –, logo ele aprende que seu choro também provoca algo na mãe e que, assim, ela lhe dá atenção. Nesta medida, a sedução é quase que automática, no sentido da física newtoniana de ação e reação.

É somente na década de 1930 que Ferenczi retoma a primeira teoria da sedução freudiana, levando-a às últimas conseqüências. Ferenczi lhe confere uma importância análoga a de Freud antes de 1897, resgatando a noção de sedução enquanto traumática e inegável, com um viés patológico e desestruturante, mas também com outro viés, necessário e instituinte. Para além da revalidação dos postulados da *neurotica*, propõe uma linguagem adulta da paixão, como também uma linguagem da ternura, que é própria da criança. A perspectiva ferencziana pressupõe ainda a existência de uma criança anterior à sedução, responsabilizando a experiência traumática de sedução pela irrupção da sexualidade infantil. Assim, a sedução pode ser considerada um mito da origem da sexualidade na criança, por incorporação da linguagem da paixão adulta.

Tal como Ferenczi, Laplanche resgatou alguns elementos da *neurotica* freudiana. Entretanto, diferente da proposta ferencziana, Laplanche utilizou a primeira teoria da sedução freudiana com o objetivo de construir uma teoria da sedução generalizada que, partindo do mecanismo do recalçamento, explicasse a formação do inconsciente, constituído através de resíduos intraduzidos de mensagens enigmáticas emanadas pelo outro – o *adulto-outro-enigmático*. Numa perspectiva laplancheana, a sedução está presente nas relações humanas não só na comunicação através de palavras, como também através de estímulos não-verbais – são as mímicas faciais, o tom da voz, os intervalos silenciosos, os gestos

corporais e o olhar que compõem as mensagens enigmáticas, já que muitas vezes são inconscientes até para quem as emite, ou seja, para o adulto. Com efeito, para aquele bebê que habita o universo da linguagem mas que, nem por isso, já sabe se comunicar através da fala, há uma maior pregnância dos estímulos não-verbais, potencialmente sedutores, presentes desde as primeiras relações mãe-bebê. Para finalizar, numa perspectiva laplancheana, a sedução aparece em sua versão ampliada, enquanto uma sedução que é inegável, instituinte e necessária e que nem sempre está relacionada ao atentado paternal ou à sedução precoce pela mãe.

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, N. e TOROK, M. (1978). Deuil et mélancolie, introjecter-incorporer. In: ABRAHAM e TOROK (orgs.), **L'écorce et le noyau**. Paris, Aubier Flammarion, 1978.
- AIDÉ, M. A. K. (2003). Me engana que eu gosto / A tirania da sedução. Disponível em: <<http://www.cbp-rj.org.br/artigo3009.htm>> Acesso em: 29 set. 2003.
- ALMEIDA, R.M. (2000). Sedução, tradução e cura. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica IP/UFRJ, v. III, n. 2, p. 97-113, jul.-dez. 2000.
- BAUDRILLARD, J. (1979). **Da sedução**. Tradução de Tânia Pellegrini. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.
- BERGMANN, M. V. (1992). An infantile trauma, a trauma during analysis, and their psychic connexion. **International Journal of Psycho-Analysis** (1992), London: The Institute of Psycho-Analysis, v. 73, n. 3, p. 447-454, jun.
- BOKANOWSKI, T. (2000). **Sándor Ferenczi**. São Paulo: Via Lettera.
- _____. (2002). Traumatisme, traumatique, trauma. **Revue Française de Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, tome LXVI, n. 3, p. 745-757, juillet-septembre 2002.
- CECCARELLI, P. R. (2001). A sedução do pai. Disponível em: <<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/17.htm>> Acesso em: 29 set. 2003.
- CHEMAMA, R. (1995). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- COSTA, J. F. (1984). À guisa de introdução: Por que a violência? Por que a paz? In: **Violência e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986, p. 09-61.
- _____. (1995). Uma fonte de água pura. In: PINHEIRO, T. (1995). **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.
- COUTINHO, A. M. M. (1994). **Psicanalista uma função sedutora**. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- COUVREUR, C. (2002). Le trauma aujourd'hui et ses conséquences. **Revue Française de Psychanalyse**. Paris: Presses Universitaires de France, tome LXVI, n. 3, p. 691-693, juillet-septembre 2002.
- CUNHA, A. G. da. (1982). **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CUNHA, M. T. S. (1999). **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica.
- ENRIQUEZ, E. (1983). **Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- FELMAN, S. (1980). La perversion de la promesse: Don Juan et la performance littéraire. In: **Le scandale du corps falant. Don Juan avec Austin ou la séduction en deux langues**. Paris: Éditions du Seuil.
- FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. In: **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 29-60.
- _____. (1912). O conceito de introjeção. In: **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 61-63.
- _____. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 74-88.
- _____. (1924). As fantasias provocadas (atividade na técnica da associação). In: **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 241-248.
- _____. (1924). Os fantasmas provocados. In: **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 231-238.
- _____. (1930a). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 53-68.
- _____. (1930b). Notas e fragmentos. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 235-284.
- _____. (1931). Análises de crianças com adultos. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 69-83.
- _____. (1933 [1932]). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106.
- _____. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 109-117.

- _____. (1934 [1931]). Reflexões sobre o trauma. Da revisão de *A interpretação de sonhos*. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 111-115.
- _____. (1934 [1932]). Reflexões sobre o trauma. Da psicologia da comoção psíquica. In: **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 109-111.
- _____. (1985 [1932]). **Diário clínico/ Sándor Ferenczi**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. (1988). **Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933**. Rio de Janeiro: Editora Taurus.
- _____. (1992). **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1993). **Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes.
- FERREIRA, A. B. de H. (1986). **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1996.
- FERREIRA, S. M. S. (1997). Sobre o inconsciente a partir da teoria da sedução generalizada. **Cadernos de Psicologia**. Belo Horizonte: UFMG, v.7, n. 1, p. 137-153, dez. 1997.
- FIGUEIREDO, L. C. M. (1994). A questão da alteridade na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. **Psicologia USP**. São Paulo: Instituto de Psicologia, USP, v. 5, n. 1/2, p. 297-308, 1994.
- FREUD, A. (1946). Identificação com o agressor. In: **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968. p. 121-133.
- FREUD, S. (1888). Histeria. **ESB**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1888-1892). Artigos sobre hipnotismo e sugestão. **ESB**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1891). Hipnose. **ESB**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1950 [1892-1899]). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. **ESB**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. **ESB**, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1893a). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (Breuer e Freud). **ESB**, vol. II, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- _____. (1893b). Charcot. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1893c). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- _____. (1894). As neuropsicoses de defesa. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1893-1895). Estudos sobre a histeria: Breuer e Freud. **ESB**, vol. II, Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- _____. (1895a). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1895b). Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1896a). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1896b). A etiologia da histeria. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1896c). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. **ESB**, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1900). A interpretação de sonhos. **ESB**, vol. IV e V, Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1905 [1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. **ESB**, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **ESB**, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1906 [1905]). Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. **ESB**, vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- _____. (1907). O esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Furst). **ESB**, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1908a). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. **ESB**, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. **ESB**, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1908c). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. **ESB**, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1908 [1907]d). Escritores criativos e devaneio. **ESB**, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. **ESB**, vol. X, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- _____. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à Psicologia do Amor I). **ESB**, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- _____. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à Psicologia do Amor II). **ESB**, vol. XI, Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- _____. (1913 [1912-13]). Totem e tabu. **ESB**, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1914). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). **ESB**, vol. XII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1915). O inconsciente. **ESB**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1917 [1916-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise: teoria geral das neuroses (Parte III). **ESB**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1917a). Conferência XXII: Algumas idéias sobre o desenvolvimento e regressão – etiologia. **ESB**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1917b). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas. **ESB**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1917c). Conferência XXV: A ansiedade. **ESB**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. **ESB**, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1919). Introdução a *A psicanálise e as neuroses de guerra*. **ESB**, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. **ESB**, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. **ESB**, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1927). Fetichismo. **ESB**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. **ESB**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1931). Sexualidade Feminina. **ESB**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1933 [1932a]). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. **ESB**, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1933 [1932b]). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1933 [1932c]). Conferência XXXIII: Feminilidade. **ESB**, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1939 [1934-38]). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. **ESB**, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GARCIA-ROZA, L. A. (1995). **Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia (1914-1917)**, vol. 3, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1994). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GIGUÈRE, M. (1997). La lettre rêvée: une correspondance imaginaire Freud-Ferenczi. **Trans / Revue de Psychanalyse** (1997). Canada: Veilleux, n°. 8, exemplaire Le sexuel dans la cure, p. 145-158. Disponível em: <<http://mapageweb.umontreal.ca/scarfond/T8/8-Giguere.pdf>> Acesso em: 14 set. 2003.

GOMÉZ-MORIANA, A. (1987). A ação e o tempo em El Burlador de Sevilla. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 39-51.

KAUFMANN, P. (1996). **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

KLEINMAN, M. (2000). Don Juan, sonho feminino. **Gostar de Mulheres 2**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, no prelo, p. 47-55.

KOSSOVITCH, E. A. (1987). Don Juan e Sade: sedução e perversão na escritura. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 77-82.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. (1967). **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. (1985). **Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAPLANCHE, J. (1987). **Novos fundamentos para a Psicanálise**. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. (1988a). **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1988b). O estruturalismo diante da Psicanálise. In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 33-37.

_____. (1988c). A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência. In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 72-83.

_____. (1988d). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 84-96.

_____. (1988e). A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 97-107.

_____. (1988f). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 72-83.

_____. (1992). **Essays on otherness**. Editado por John Fletcher. Florence, KY, USA: Routledge, 1999.

_____. (1993). **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1997). The theory of seduction and the problem of the other. **International Journal of Psycho-Analysis** (1997), London: The Institute of Psycho-Analysis, v. 78, n. 4, p. 653-666, ago.

MARIN, I. da S. K. (1998). Sujeito – desamparo e violência. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/historia/59_desampara_e_violencia.html> Acesso em: 29 set. 2003.

MASSON, J. M. (1984). **Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

_____. (1986). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1994**. Rio de Janeiro: Imago.

MEES, L. A. (2001). **Abuso sexual – trauma infantil e fantasias femininas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

MEIRA, N. de Castro (2003). A concepção do homem através da fantasia da mulher. Disponível em: <http://www.ufba.br/instituicoes/ufba/faculdades/psicologia/concep.html>> Acesso em: 29 set. 2003.

MENDONÇA, A. S. de L. (2000). Don Juan: a fantasia bem dita entre as mulheres. **Gostar de Mulheres 2**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, no prelo, p. 13-15.

MEZAN, R. (1987a). A sombra de Don Juan: a sedução como mentira e como iniciação. In: MEZAN, R. (1993). **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense. p. 13-49.

_____. (1987b). Mille e quattro, mille e cinque, mille e sei: novas espirais da sedução. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 83-113.

NIEMEYER, O. *et al.* (1989). **A sedução**. Rio de Janeiro: Terceira Margem Ed.

OUTEIRAL, J.; GODOY, L. (2003). **Desamparo e trauma: transferência e contratransferência**. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda.

PERRONE-MOISÉS, L. (1987). Don Juan na literatura de hoje. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 129-141.

PINHEIRO, T. (1995). **Ferenczi: do grito à palavra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.

PINSKY, L. (2002). Sedução: o jogo da conquista. **Tudo**, São Paulo: Editora Abril, n.º 94, p. 22-29, 15 nov. 2002.

PONS, S.; PACHECO-FERREIRA, F. (2002). Transferência como experiência do vivido e transmissão psíquica: a herança de Sándor Ferenczi. Disponível em: <<http://www.unicap.br/pathos/vicongresso/anais/Co50.PDF>> Acesso em: 09 mai. 2003.

Pós-Graduação PUC-Rio: normas para apresentação de teses e dissertações/ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; [supervisão: Bergmann, José Ricardo; organização e redação: Souza, Arlene Gomes de] Rio de Janeiro: PUC-Rio, Vice-Reitoria de Assuntos Acadêmicos, 2001.

POQUELIN, J-B. (1997). **Don Juan, o convidado de pedra**. Tradução e adaptação Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2002.

RANK, O. (1924). **O traumatismo do nascimento: influência da vida pré-natal sobre a evolução da vida psíquica individual e coletiva/ estudo psicanalítico**. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1934.

_____. (1924). **El trauma del nacimiento**. 2. ed. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1972.

RIBEIRO, P. de Carvalho (1996). Sedução generalizada e primazia do sexual. **Percurso: revista de psicanálise**. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae/ Departamento de Psicanálise, v. 1, n. 16, p. 49-57, 1996.

_____. (1997). Rumo a uma teoria psicanalítica da feminilidade. **Cadernos de Psicologia**. Belo Horizonte: UFMG, v.7, n. 1, p. 123-136, dez. 1997.

RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988) **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1987). A política de Don Juan. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 09-21.

ROBERT, P. (1990). **Dictionnaire alphabetique et analogique de la langue française**. Paris: Dictionnaires Le Robert.

RODRIGUES, A. M. (1987). De Don Juan e donjuanismo. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 53-70.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

RUDGE, A. M. (2003). Trauma e temporalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Editora Escuta, inédito. Não paginado.

SAFOUAN, M. (199-?). Da sedução. **Revista internacional: A clínica lacaniana**. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, ano 1, n.º 1, jun. 1997.

SIBONY, D. (1981). **Sedução: o amor inconsciente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, L. G. dos (1987). Don Juan e o nome da sedução. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23-37.

UZIEL, A. P. (1996). **Exaltação da diferença: um elogio à sedução. Reflexões sobre a sexualidade contemporânea**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VALLS, L. M. (1987). Os sedutores românticos: a força e o método. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 115-128.

VIEIRA, M. A. (2001). **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

WILLEMART, P. (1987). O percurso original da pulsão em Don Juan. In: RIBEIRO, R. J. (Org.).(1988). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 71-76.